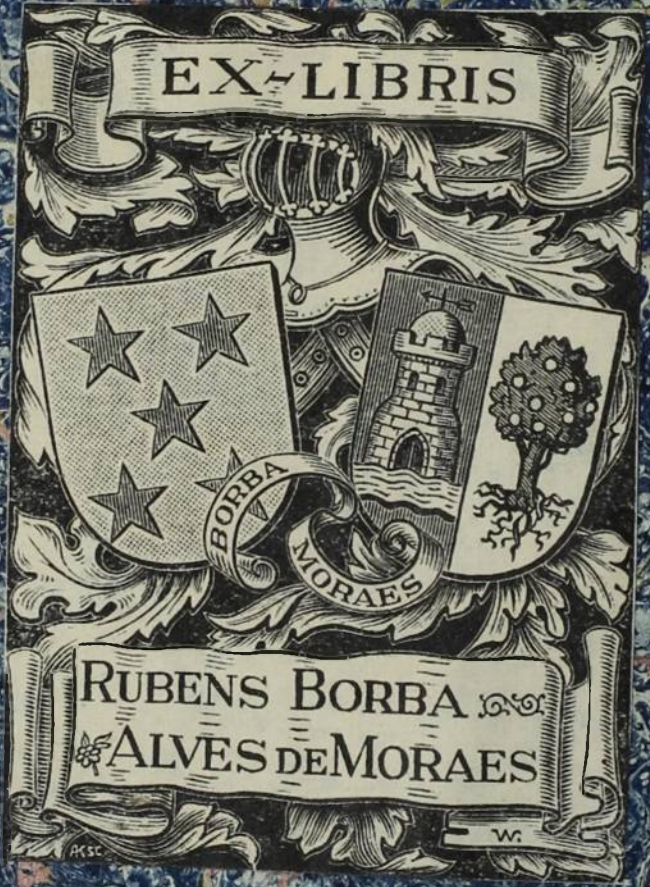


EX-LIBRIS

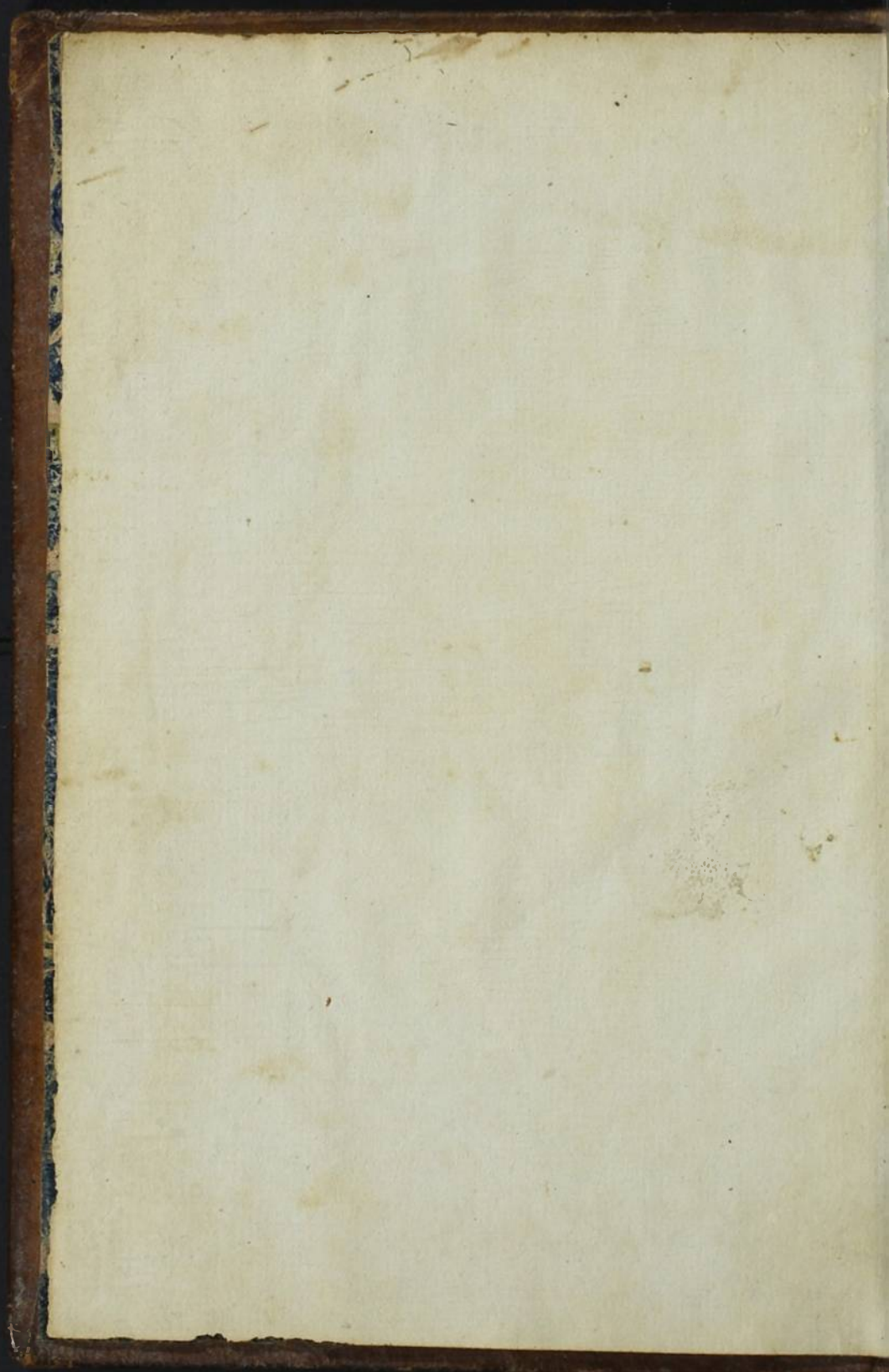


RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

A. S. C.

W.





VIOLA
DE
LERENO:
COLLECCÃO
DAS SUAS CANTIGAS,
OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

FOLHETO I.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1819.

*Com Licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M. Me-
chas, no Largo do Cães de Sodré, N. 3. A.*

WINDY

J. L. K. M. N. O.

CO. C. M. D. A. O.

DEPT. OF THE ARMY

WASHINGTON

OFFICE OF THE ADJUTANT GENERAL



F. I. S. H. O. A.

WASHINGTON, D. C.

1864

ADJUTANT GENERAL

WASHINGTON, D. C.

1864

NO DIA DE FESTEJAR-SE O NOME

D A

SENHORA

CONDESSA DE POMBEIRO.

CANTIGAS.

Amira formosa,
Escuta os louvores,
Que os simples Pastores
Vem hoje entôar:
O teu Nome illustre,
Subindo ás Estrellas,
Nos Bosques de Béllas
Já vai resôar:

A 2

(4)

Offrendas singelas
Das suas campinas,
Cheirosas boninas
Te vem offertar:
E o Pomo que pende
Para ti nascido,
Para ti colhido
Te vem entregar.

O Pomo da China,
Que cresce em teus campos,
C'os figos, que lampos
Eu ouço chamar:
Os Limões pontudos,
Esfericas Limas,
Co' as nozes qu'estimas
Te dão a gostar.

(5)

Em honra a teu Nome
Contentes trabalhaõ,
N'um louro o entalhaõ
Por vê-lo durar :
Em honra a teus filhos
Seis plantas criáraõ,
E a outras preparaõ
Bastante lugar.

Teu Nome tem feito
Que do canto gostem,
Tu fazes que apostem
Teu Nome cantar ;
No rude Psalterio,
Na harmonica Lyra
O Nome de Amira
Se ouve resôar.

(6)

Assim tua vida
Durar sempre possa,
Que he vida q'adoça
O nosso pezar:
Seremos alegres,
Naõ digo mentira,
O tempo em q'Amira
Bellas animar.

Moda de Tirce.

CANTIGAS.

Vê, Lereno desgraçado,
O teu destino cruel;
Amar, e morrer de amores,
Por quem te naõ he fiel.

(7)

Vem os terriveis ciumes
Rodear-te de tropel,
Has de continuo soffrê-los
Por quem te não he fiel.

Dos Amantes desgraçados
Vê o terrivel painel,
Tanto tens que supportar
Por quem te não he fiel.

Verás as doces promessas
Converter-se amargo fél,
Desvanecer-se a esperança
Por quem te não he fiel.

A mão treme de assustada,
Cahe dos dedos o pincel,
Não pinto o que has de passar
Por quem te não he fiel.

(8)

Nunca belleza, e constancia
Guardáraõ proprio nivel;
Soffre por Lilia, mas soffre
Por quem te naõ he fiel.

Embora seja enganado
O nescio amante novél,
Q'o tempo te desengana
Por quem te naõ he fiel.

Mas amor tem arte, e geito
D'espalhar seu doce mel,
E te faz ser doce a morte
Por quem te naõ he fiel.

Teu juramento.

C A N T I G A S.

Nas leves azas
Do vario vento
Vôou, perdeo-se
Teu juramento :

Oh que tormento!
Lilia me jura,
E não conhece
Amor, ternura.

Chamas os Numes
Do Ethereo assento,
E he seu opprobrio
Teu juramento :

Oh, &c.

(10)

Ao teu perjuro
Cupido attento,
Punir promette
Teu juramento:

Oh, &c.

Lá onde o Léthes
Vai somnolento,
Chegou voando
Teu juramento:

Oh, &c.

Nas frias aguas
Do esquecimento
Vai mergulhar-se
Teu juramento:

Oh, &c.

D'amor não tinhas
Conhecimento,
Nem sahio d'alma
Teu juramento:

Oh, &c.

(11)

Lereno triste
No seu lamento,
Chora baldado
Teu juramento:

Oh, &c.

Bem fica.

CANTIGAS.

Adeos, bellas Nynfas,
Gentil Sociedade,
O mal da Saudade -
Começo a chorar:

Ai! que o meu pezar
Assim não se explica;
Vai mal o que vai,
Bem fica, quem fica.

(12)

Adeos, ó Campinas ;
Adeos, arvoredos,
Que d'alma os segredos
Me ouvistes contar :

Ai!, &c.

O Fado me aparta
Dos olhos, que adoro,
Dizei-lhe o que eu choro
De assim me ausentar :

Ai!, &c.

Meu Coração triste,
Partido em pedaços,
Só póde os seus passos
Assim vigiar :

Ai!, &c.

Mas levo em minha alma
Da ausencia os temores,
E invejo os Pastores,
Que pódem ficar :

Ai!, &c.

(13)

Amor por vingar-se
Do livre Lereno
D'ausencia o veneno
Assim faz provar :

Ai!, &c.

Recado.

Ora adeos, Senhora Ulina;
Diga-me, como passou;
Conte-me, teve saudades?
Não, não;
Nem de mim mais se lembrou:

O amor antigo
Já lhe passou,
É a fé jurada?
Tudo gorou.

(14)

Diga, passou bem no Campo?
Divertio-se! passeou!
Acaso lhe fiz eu falta?

Naõ, naõ,

Nem, &c.... O amor, &c.

Era bom o seu Burrinho,
Ou sómente a pé andou?
Lembrou quem lhe dava o braço?

Naõ, naõ,

Nem, &c.... O amor, &c.

Houve muita Contradança?
E com quem contradançou?
Lembrou-lhe este seu parceiro?

Naõ, naõ,

Nem, &c.... O amor, &c.

(15)

Cantou algumas Modinhas?
E que Modinhas cantou?
Lembrou-lhe alguma das minhas?
Naõ, naõ,

Nem, &c.... O amor, &c.

Ha de dizer, que eu lembrava,
E que por mim suspirou;
Naõ ha tal: bem a conheço:
Naõ, naõ,

Nem, &c.... O amor, &c.

A dôr do meu Coraçãõ.

M O D A.

Disfarço no alegre rosto
Minha interior afflicçãõ;
Porque os outros não conheçaõ
A dôr do meu Coraçãõ:

Tenho ensinado a meus olhos
Dos segredos a liçãõ;
Sabem dizer em segredo .
A dôr do meu Coraçãõ:

Apparecem nos meus olhos
Dezejos , que vem , e vaõ ;
Comsigo levaõ , e trazem
A dôr do meu Coraçãõ:

Talvez aquella, que adoro,
Que he minha consolação,
Não entenda, não conheça
A dôr do meu Coração:

Quando seus olhos não vejo,
Cresce mais minha afflicção;
Seus lindos olhos consolaõ
A dôr do meu Coração:

Vi hum dia, hum certo dia,
Huns signaes de compaixão,
E dei por bem empregada
A dôr do meu Coração.

Quem dá o que tem.

CANTIGAS.

Eu tenho que dar-te,
Alzira, meu Bem,
O meu terno Amor,
Que assim me convém:

Naõ sei, minha amada,
Se muito m'explico;
Mas dá mais q'hum Rico
Quem dá o que tem.

(19)

Em vez de manadas,
E largos Currais;
Seraõ os meus Ais
Offrendas tambem:

Naõ sei, &c.

Eu naõ te appareço
Com rico surraõ;
Mas meu Coraçãõ
Maior valor tem:

Naõ sei, &c.

Por chuva, por calma,
De noite, e de dia,
Farei companhia
Fiel a meu Bem:

Naõ sei, &c.

A doce Uniaõ d' Amor.

CANTIGAS.

Destinou-me a Natureza
Para ser seu Orador ;
Deo-me por primeiro thema
A doce Uniaõ de Amor :

Amor dá o tom
Para a Companhia,
Sem elle se vive
Em sem-saboria.

Nem fôra ditoso o Mundo,
Nem tivera morador,
Quando nelle se acabasse
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

Dos desgostos desta vida
Peior fôra o dissabor,
Se acaso os não temperasse
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

Talvez maior que o das Féras
Seria nosso furor,
Se acaso o não moderasse
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

No mesmo Reino do pranto
Hum terno, amante Cantor
Susteve as penas, cantando
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

Se entro no cerrado bosque
Ouço as Aves ao redor
Que no seu gorgueio explicaõ
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

Se depõe o féro monstro
O seu natural furor,
He só quando o tem domado
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

Salta alegre ao lume d'agua
O escamoso Nadador,
E talvez saltando explica
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

Huma planta abraça hum tronco,
Huma flor beija outra flor,
Mostra em tudo a Natureza
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

He bom tudo o que Amor dá,
Seja prazer, seja dôr,
Tem certo azedo que agrada
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

O que não ama não acha
A Vida melhor sabor,
Que he o tempêro da Vida
A doce Uniaõ de Amor:
Amor, &c.

Vou morrendo de vagar.

CANTIGAS.

Eu sei, cruel, que tu gostas,
Sim, gostas de me matar;
Morro, e por dar-te mais gosto,
Vou morrendo de vagar:

Eu gosto morrer por ti;
Tu gostas ver-me expirar;
Como isto he morte de gosto,
Vou morrendo de vagar:

Amor nos unio em vida ,
Na morte nos quer juntar ;
Eu , para ver como morres ,
Vou morrendo de vagar :

Perder a vida he perder - te ;
Naõ tenho que me apressar ;
Como te perco morrendo ,
Vou morrendo de vagar :

O veneno do ciume
Já principia a lavrar ;
Entre pungentes suspeitas
Vou morrendo de vagar :

Já me vai calando as veias
Teu veneno de agradar ;
E gostando eu de morrer ,
Vou morrendo de vagar :

Quando não vejo os teus olhos,
Sinto-me então expirar;
Sustentado d'esperanças,
Vou morrendo de vagar:

Os Ciumes, e as Saudades
Cruel morte me vem dar;
Eu vou morrendo aos pedaços,
Vou morrendo de vagar:

He feliz entre as desgraças,
Quem logo póde acabar;
Eu, por ser mais desgraçado,
Vou morrendo de vagar:

A morte, em fim, vem prender-me,
Já lhe não posso escapar;
Mas abrigado a teu Nome,
Vou morrendo de vagar.

Minuete.

Lilia, Oh Lilia,
Tu não escutas
Soar nas Grutas
O meu clamor!

Não me appareces,
NÃO te enterneces,
Da minha dôr?
Lilia, oh Lilia,
Morro de amor.

Lilia, oh Lilia,
Lá d'onde assistes,
Ouve os ais tristes
Do teu Pastor:

(28)

Naõ tardes mais,
Vem aos meus ais,
E ao meu clamor:
Lilia, oh Lilia,
Morro de amor.

Nada de d'ívidas.

CANTIGAS.

Duvidou a minha Ulina,
Quiz a minha fé provar;
Inda bem, desenganou-se,
Ah! naõ torne a duvidar:
Porque Amor quando duvida,
Principia a vacillar.

(29)

Naõ, acreditou meus vótos,
Ao depois de eu lho jurar;
Veja agora, que saõ puros,
Ah naõ torne a duvidar:
Porque, &c.

Aqui ponho a maõ no fogo,
Que de amor arde no altar;
Eu repito o juramento;
Ah! naõ torne a duvidar:
Porque, &c.

Se em tanto tempo de ausencia,
Eu pude a fé conservar:
Que mais provas quer Ulina?
Ah! naõ torne a duvidar:
Porque, &c.

(30)

Se em meio das outras Bellas
O seu Nome eu fiz soar;
Naõ tem de que desconfie,
Ah! naõ torne a duvidar:
Porque, &c.

Haja paz, e confiança,
Que saõ delicias no amar;
Naõ amargure os meus dias,
Ah! naõ torne a duvidar:
Porque, &c.

A Madrugada.

C A N T A T A.

Já surge a rubra Aurora
Por cima deste Monte,
E o limpido Horizonte
O Sol já vem dourar:

O concavo Sáveiro
Palemo põe em nado,
E o curvo anzol iscado
Já vai lançando ao Mar:

(32)

Meu alvo Cordeirinho
A esta parte salta;
Só Lilia aqui me falta,
Por Lilia vou chamar:

Ah! Lilia, se me negas
A tua companhia,
Que pouco importa o dia,
Que fazes mallograr.

Fim do I. Folheto.

VIOLA
DE
LERENO:
COLLECCÃO
DAS SUAS CANTIGAS,
OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

FOLHETO II.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1819.

*Com Licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M. Me-
chas, no Largo do Cães de Sodré, N. 3. A.*

VOLUME

LIBRO

COLLECCAO

DAS SUAS CANTIGAS

DE SEUS AMIGOS

FOLHETO N.º



LIBRO N.º

NA TYPOGRAFIA DE J. G. DE ALMEIDA

1817

Com Licença da Real Academia de Ciências de Lisboa

de 1817

Vende-se em Casa de Henrique de Almeida

em Largo de S. Carlos, N.º 11

VIOLA
D E
LERENO.

Perdi a alegria.

CANTIGAS.

Quando eu não amava,
Alegre vivia;
Agora, que eu amo,
Perdi a alegria:

Tudo m'entristece,
Tudo m'enfastia;
Perdi o socego,
Perdi a alegria.

(4)

Dos outros amantes
Zombando me ria;
Agora chorando
Pago a zombaria:
Tudo, &c.

A lyra tocando,
Aos mais divertia;
Choro hoje ao som della
De noite e de dia;
Tudo, &c.

Foi bem desejada
Minha companhia:
O meu pezar hoje
A todos desvia:
Tudo, &c.

Com meu doce canto
A tudo attrahia:
Agora já fogem,
Da minha agonía:
Tudo, &c.

(5)

Que os olhos de Lilia,
Com tal tyrannia,
Assim me tornassem,
Ninguem o diria:

Tudo, &c.

Amor quiz vingar-se
Do que eu lhe fazia;
Armou-se de Lilia,
Que só não podia:

Tudo, &c.

Cuidei que a razão
A Amor venceria;
Que elle era mais forte,
Eu tal não sabia;

Tudo, &c.

Naõ sou já Lereno,
Qual era algum dia;
Pois choro cativo
Se livre me ria:

Tudo, &c.

A huns lindos olhos.

CANTIGAS.

Olhos, que amor anima
Com hum suave encanto,
Ah! suspendei meu pranto,
Que eu já não posso mais.

Compadecei-vos ternos
Da minha saudade,
Lêde nos meus verdade
De Amor que não negais.

Olhos que Amor accende,
D'huma suave chamma,
Q'o peito que não ama,
Fazeis depressa amar.

(7)

Pois me accendestes tanto,
Em doce, e vivo fogo,
Ardei nesta alma eu rogo,
Que a chamma ha de durar.

Ao Som da Lyra a chorar.

CANTIGAS... *d'improvizo.*

Lereno, o fiel Lereno,
Aqui se veio encostar,
Á sombra deste alto freixo
Ao som da Lyra a chorar.

Amor de longe o escutava,
Equilibrado no ar;
Pareceo gostar de ouvilho

Ao, &c.

(8)

O mesmo Deos taõ cruel
Se ouvio entaõ soluçar;
Que faz compaixaõ Lereno
Ao, &c.

Da sua Lilia traidora
Elle ouvio queixas formar;
Lilia, que alli o trouxera
Ao, &c.

Seu Amor, ou seu segredo,
Elle naõ quer arriscar,
E vem aonde o naõ ouçaõ
Ao, &c.

Esta rapida corrente
Vio o seu pranto parar;
Tanto espanta ouvir Lereno
Ao, &c.

(9)

O alegre canto das Aves
Em pranto se ouviu trocar;
Imitando ao que lhe ouviaõ
Ao, &c.

O pobre manso rebanho
Naõ foi a herva pastar;
Entretinha-se de ouvillo
Ao, &c.

Sahiraõ das verdes ondas
Os bravos Peixes do Mar;
Fóra d'agua o escutavaõ
Ao, &c.

As Féras, as mesmas Féras,
Deixaõ entaõ d'uiviar;
Procurando a quem ouviaõ
Ao, &c.

(10)

O pranto só de Lereno
Podia tudo trocar;
E tudo queria ouvilho

Ao, &c.

Zéfiro mesmo calado
Naõ se sentio voltear:
Mudo o ouvia d'entre as flores

Ao, &c.

Só a lastimosa Echo
O tentou arremedar:
Tambem se ouviu entre as Penhas

Ao, &c.

O nome que se lhe ouvira
Alli via redobrar;
Lilia, Lilia, se repete

Ao, &c.

(II)

Entaõ raivoso Cupido
Lhe prometteo de o vingar,
E foi procurar a ingrata
Ao, &c.

Serei triste até morrer.

CANTIGAS.

Pois assim o quer meu fado,
Pois Amor assim o quer,
Naõ espero ser contente,
Serei triste até morrer :

Nem póde fazer Amor,
O que o destino naõ quer ;
Se esta tristeza he destino,
Serei, &c.

(12)

Sobre as aras de Cupido
Renuncio ao meu prazer;
Protestando viver triste,
Serei, &c.

Para tornar-me contente
Só Elfina tem poder;
Se ella não quer alegrar-me,
Serei, &c.

Os olhos, que me alegravaõ,
Não me deixa Elfina ver;
Negada a minha alegria,
Serei, &c.

Entendo o meu coração,
Q'está no peito a bater;
E palpitando me agoura
Serei, &c.

(13)

Para me fazer alegre,
Nem amor tem já poder;
Se Elfina me quer ver triste
Serei, &c.

Gostarei de viver triste,
Pois que Elfina assim o quer;
E só por dar-lhe este gosto
Serei, &c.

O U T R A S.

Rodeou feia tristeza
Meu berço logo ao nascer,
Bafejou-me a triste vida,
Serei, &c.

Ao abrir dos frôxos olhos
Vi o dia escurecer;
Foi presagio da tristeza,
Serei, &c.

(14)

Falla o coração batendo ;
Bateo , que me quer dizer ?
Talvez me diz palpitando
Serei , &c.

Nasce o dia, acha-me triste,
Ve-me a noite entristecer ;
Tristes horas me rodeiaõ ,
Serei , &c.

Lindos olhos de Jozina ,
Só vós sois o meu prazer ;
Se eu vos vejo hum dia tristes ,
Serei , &c.

Vem essas lagrimas tristes
Minha alegria empecer ;
Se não vos tornais alegres ,
Serei , &c.

Zabumba.

CANTIGAS.

Amor ajustou com Marte
Vãos Mancebos alistar,
Hum lhes dá trabalho honroso,
Outro os faz rir, e zombar:

Tan, tan, tan, tan, tan Zabumba
Bella vida Militar;
Defender o Rei, e a Patria
E depois rir, e folgar.

Toca Marte á Generala,
Vai as Armas aprestar;
Amor tem prazeres doces,
Com que os males temperar
Tan, &c.

(16)

Ouço o rufo dos Tambores,
Já dalli toca a marchar;
Os adeozes são á pressa,
Naõ ha tempo de esperar:
Tan, &c.

Vai passando o Regimento
E as meninas a acenar;
Vaõ as armas perfiladas,
Mal se póde a furto olhar:
Tan, &c.

A mochila, que vai fôfa
Pouco leva que pezar;
Pouco paõ, e pouca roupa,
Mas saudades a fatar:
Tan, &c.

A Cidade que he de Lona
Vejo á pressa levantar;
Põem-se as Armas em sarilho
Vai a tropa descansar:
Tan, &c.

Vigilantes Sentinelas

Vejo áler^{ta} passear ;
Quem vem lá ! Quem vai ! faç'alto.
Sempre *álerta* ouço gritar :
Tan , &c.

Vejo alegres Camaradas
Os baralhos apromptar ;
Páraõ , tópaõ çujo cobre
A perder , ou a ganhar :
Tan , &c.

Dá-se hum beijo na borracha ,
Lá vaõ brindes a virar ;
E co'a publica saude
Vai tençaõ particular :
Tan , &c.

Vem quartilho , vai canada
Toca em fim a emborrachar ;
A cabeça bambaleia ,
Alli ouço resonar :
Tan , &c.

Corre o que vigia o Campo,
Vem perigo anunciar;
Peg'ás armas, peg'ás armas,
Dobra a Marcha, e avançar:
Tan, &c.

Huma brigada em columnas
Marcha a outra a obliquar,
Os contrarios fazem cara,
Toca a morrer, e a matar:
Tan, &c.

Já fuzila a Artilheria
Sinto as balas sibilar;
Nuvens já d'espesso fumo
Vaõ a luz do Sol turbar:
Tan, &c.

Ouçõ o bum, bum, bum das Peças;
Vejo Espadas lampejar;
Lá vaõ pernas, lá vaõ braços,
Lá cabeças pelo ar:
Tan, &c.

(19)

A batalha está ganhada
Vaõ o Campo saquear;
Vem bandeiras arrastando
Toca em fim a retirar:

Tan, &c.

Venha a nós, viva quem vence,
Quem morreo deixa-lo estar,
E da Patria no regaço
Os Heroes vem descansar:

Tan, &c.

Os que salvaõ da peleija
Vem a Amor as graças dar;
E em signal da sua gloria
Juntaõ flores ao Cocar:

Tan, &c.

Os olhos, que viraõ tristes,
Vem agora consolar;
A saudade se esvoáça,
Torna a posse ao seu lugar:

Tan, &c.

(20)

Vem familia, vem Visinhos
Boa vinda festejar;
E da bocca gloriosa
Grandes cousas escutar:

Tan, &c.

Despe a veste, mostra o peito,
Quer sizuras procurar;
Mas o tempo sarou tudo,
Nem signal se póde achar:

Tan, &c.

Que afrontou sempre os perigos
Gentil Dama ha de escutar;
S'estimou guardar a vida,
He só para lha entregar:

Tan, &c.

Hum merecimento novo
Tem de novo a apresentar,
Vem mais rico de esperanças,
Tem despachos que esperar:

Tan, &c.

Ha de ter a fita verde
De huma Ordem Militar ;
Soldo em dôbro por tres mezes
Que a Senhora ha de gastar :
Tan, &c.

Naõ creais, Meninas , nestes,
Naõ he certo o seu amar ;
Costumados sempre á marcha
Até amaõ a marchar :
Tan, &c.

O Nome do teu Pastor.

CANTIGAS.

No tronco de hum verde Louro
Me manda escrever Amor,
Misturado com teu nome,
O nome do teu Pastor:

Mil abelhas curiosas,
Revoando ao redor,
Chupaõ teu nome, deixando
O nome, &c.

De hum raminho pendurado,
Novo emplumado Cantor,
Suspirava alli defronte
Do nome, &c.

(23)

Ah! Lilia, soberba Lilia,
Donde vem tanto rancor?
Tu bem viste, mas não lêste
O nome, &c.

Já não se via o teu nome,
Bando o levou roubador;
E ficou só desgraçado,
O nome, &c.

O teu nome que roubáraõ
A novo mel dá sabor
Sem o mixto d'amargura
Do nome do teu Pastor.

Por este preço quem não será cativo.

CANTIGAS.

Graças ao Ceo! Sou Cativo,
E he feliz meu Cativoiro;
Amor me comprou por preço
Que vale mais que o dinheiro:

Huns olhos lindos,
Cabello louro,
Corpo bem feito,

Digaõ todos, todos digaõ
Se não vale mais que o ouro?

(25)

Vai a cobiçosa gente
Vender por ouro a vontade ;
Mas eu dou por melhor preço
Minha cara liberdade :
Huns olhos, &c.

O lindissimo semblante
Ninguem vê da minha bella ,
Que não offereça a Amor
Ser seu Escravo por ella :
Huns olhos, &c.

Eu não quero da Fortuna
Os bens, que em seu Cofre tem,
Que todos elles não valem
A metade do meu bem :
Huns olhos, &c.

Q'importa o metal luzente ,
Que tanto adora a ambição ?
Se não póde contentar
O meu terno coração :
Huns olhos, &c.

Com as riquezas de Amor
Nãõ põnha a sôrte a riqueza;
Que he maior que o da Fortuna
O poder da Natureza:
Huns olhos, &c.

Soldado de Amor.

CANTIGAS.

Sou Soldado, sentei Praça
Na gentil Tropa de Amor,
Jurei as suas Bandeiras,
Nunca serei Desertor:

Eu sou soldado,
Eu sirvo Amor,
Jurei Bandeiras,
Nunca serei desertor.

(27)

De Cupido os Regimentos
Naõ tem Zabumba, ou Tambor;
Tem hum certo mover d'olhos,
Que chama muito melhor:

Eu sou, &c.

Dos Amorosos perigos
Eu naõ tenho nunca horror;
Tenho valor de soffre-los,
Quanto mais, quanto melhor:

Eu sou, &c.

A fraqueza d'algum Chefe
Aos Soldados faz temor;
Eu naõ tenho que temer-me,
Sirvo a hum Nume vencedor

Eu sou, &c.

Em quanto amor bem me pague
Hei de servir bem Amor,
El'fina seja meu soldo,
Nunca serei dezertor

Eu sou, &c.

(28)

Se do meu Augusto Chefe
Tenho honras, e favor,
Eu devo fiel servi-lo
Seja o perigo qual for.
Eu sou, &c.

Dezertem os mais embora
Que tem coração tráidor,
Jurei fé, cumpro os meus votos,
Nunca serei dezertor.
Eu sou, &c.

Amor não he brinco.

CANTIGAS.

Vossê trata Amor em brinco,
Amor o fará chorar ;
Veja lá com quem se mette,
Que não he para zombar.

ESTRIBILHO.

Ai Amor, Amor, Amor!
Vossês zombaõ com Amor,
E não he para zombar.

O Amor he muito serio,
Mui serio se ha de tratar,
São mui serios seus prazeres,
Mui serio he seu pezar.

(30)

Aquelle que vive livre,
E vai com Amor brincar,
Vê nos pés, e vê nos pulsos
Os seus ferros apertar.

O Amor promette premios,
Os premios começa a dar;
Mas tudo o que trouxe em rizo
Quer em lagrimas cobrar.

Amor, vem manso, mansinho
No coração habitar,
E depois de estar de dentro
Quer só elle as regras dar.

Amor quando entra no peito
Parece o vai consolar;
Mas travesso em pouco tempo
Faz a gente palpitar.

(31)

Com Amor nada de pressas,
Vamos muito de vagar;
Porque como elle he criança
Se correr ha de cançar.

*Marcha depois da vinda do Rous-
silhon.*

Correi ás Margens do Téjo,
Generosos Portuguezes,
As Armas, e os Arnezes
Dos vossos vereis brilhar:

E vós, adoradas Ninfas
Ide as vestes enxugar,
Vem borrifadas do sangue
Que a honra fez derramar.

E S T R I B I L H O .

Hide á pressa que os Tambores
Já se escutaõ resoar.

Nos hombros do amigo rio
Os transporta a leve Barca,
E do Heroe que a arêa marca
Vem a Onda o pé beijar.

Naõ fez alheios costumes
Proprios costumes mudar,
Se os vistes partir amigos,
Amigos vedes tornar.

Hide, &c.

Fiéis aos antigos votos
Saõ dignos d'altos louvores,
A seus Augustos Senhores
Sabem servir, e calar:

Se beijaõ a maõ Augusta,
Maõ que os póde premiar,
Sabendo merecer premios
Naõ precisaõ supplicar.

Hide, &c.

Fiéis á sua alliança
No prazer, ou nos perigos,
Aos Amigos são Amigos,
Aos mais daõ que recear.

Tem só por seu lucro a honra
Sem mais pertender lucrar,
São poucos que valem muito,
Em muito se haõ de estimar.
Hide, &c.

As respeitaveis Bandeiras
Vereis ao ar desfraldando,
Ellas mesmas vem mostrando
Quanto são de respeitar.

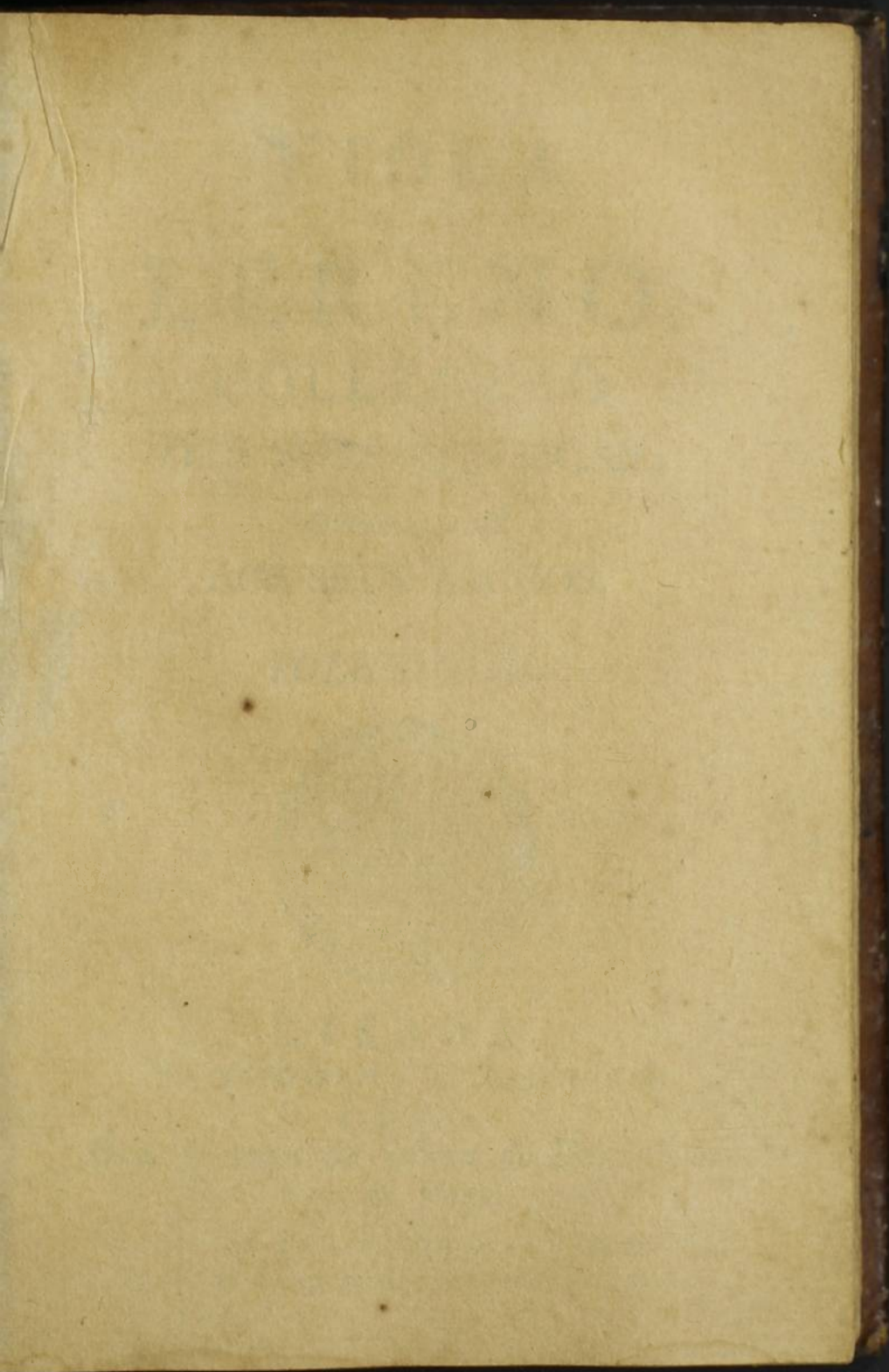
Em toda a parte estimada
Gente brioza, e Guerreira,
Em toda a parte a primeira
Afrontando a terra, e o mar.
Hide, &c.

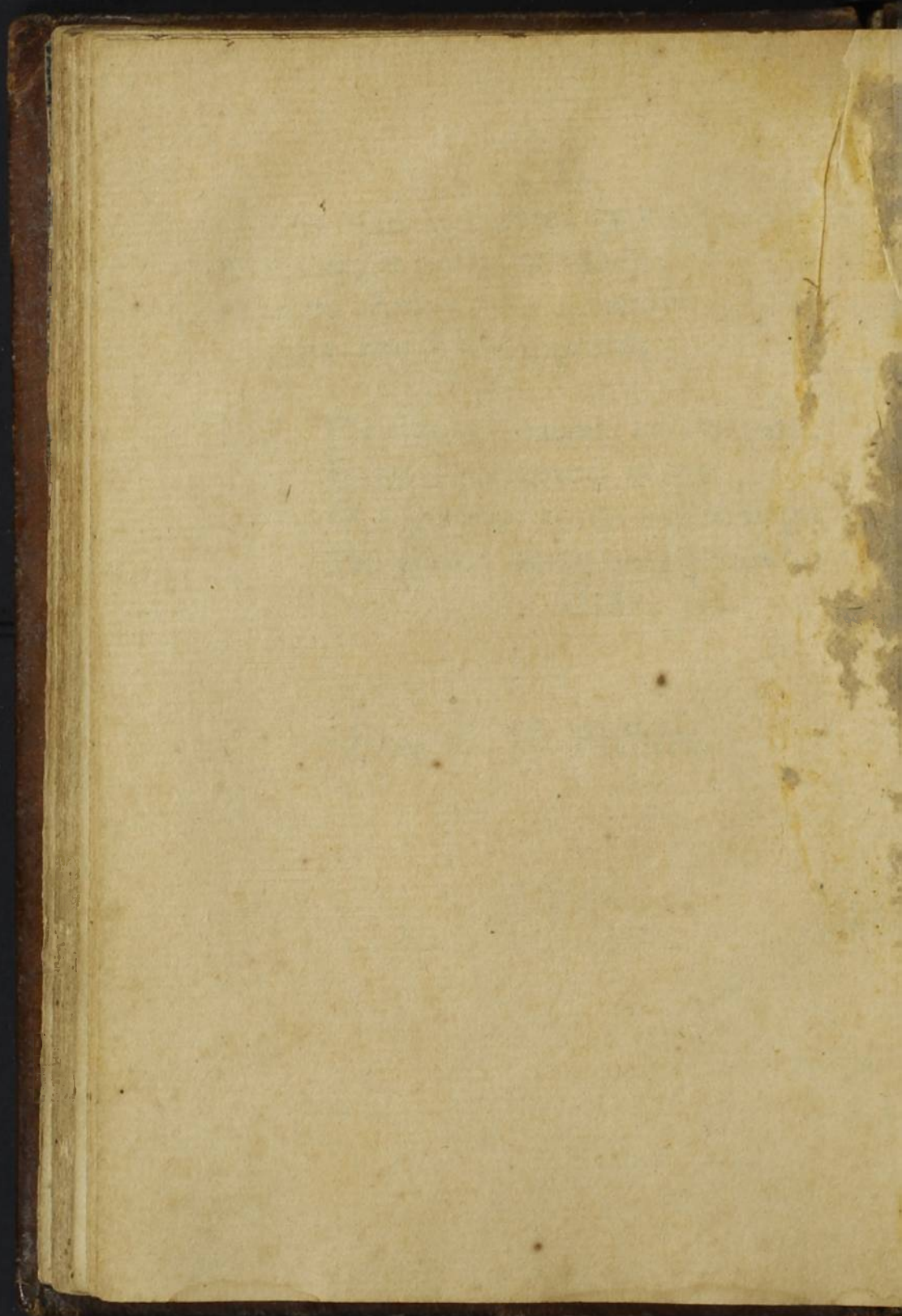
(34)

Vós que soffrestes por elles
A terna, e justa saudade,
Que ou Amor, ou amizade
Ternos vos fez supportar:

Dai-lhe os braços, recebei-os,
E no mais terno afago
O Ceo vos torna assim pago
Do que a sôrte quiz roubar.
Hide, &c.

Fim do II. Folheto.





VIOLA
DE
LERENO:
COLLECCÃO
DAS SUAS CANTIGAS,
OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

FOLHETO III.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1819.

*Com Licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M. Me-
chas, no Largo do Cães de Sodré, N. 3. A.*

THE
LIBRARY
COLLEGE
OF THE
CITY OF
BOSTON
FUND
FOUNDED
1863



THE
LIBRARY
OF THE
CITY OF
BOSTON
FOUNDED
1822

VIOLA
DE
LERENO.

Suspiros do coração.

CANTIGAS.

Amor ferio o meu peito
Com seu dourado farpaõ,
E sahíraõ pelas fendas
Suspiros do coração.

Aos Ouvidos do meu Bem
Chegará minha afflicçaõ,
Porque nas azas a levaõ
Suspiros, &c.

(4)

Devo ir soffrendo, e calando
A minha infeliz paixãõ ;
E em segredo voar devem
Suspiros, &c.

Quando o respeito embaraça
A minha livre expressãõ ,
Servem-me entãõ de linguagem
Suspiros, &c.

Ah! meu bem, tu naõ reparas,
Porque naõ dás attençaõ ,
A pressa com que te buscaõ
Suspiros, &c.

Se teus olhos inquietos
Dizem sim, e dizem naõ ,
Vaõ de perto percebello
Suspiros, &c.

(5)

Se tu cuidas que eu te engano,
Põe sobre o meu peito a mão:
Verás como fervem dentro
Suspiros, &c.

Se as vozes que soltar quero
Vem embargar - me a razão,
Não importa; que me explicaõ
Suspiros, &c.

Venhaõ teus ais escondidos;
Que os meus escondidos vaõ,
E no caminho se encontraõ
Suspiros, &c:

Vai banhando hum meigo prantõ
Meu duro ferreo grilhaõ,
Sopraõ mais a minha chamma
Suspiros, &c.

(6)

Eu não posso acompanhar-te,
Seguir-te não posso, não;
Mas hiraõ onde tu fores
Suspiros, &c.

Amor tem para as auzencias
Alguma consolação,
Excita por desafogo
Suspiros, &c.

Para ter mutuas noticias
Não faltaõ correios, não,
Serviraõ de portadores
Suspiros, &c.

O estrondo, o luto dos ares,
Meu Bem, não te assuste, não,
Turbaõ tudo, e estalaõ tanto
Suspiros, &c.

(7)

Se ao passear desses campos
Sentires ranger o chão,
He que a teus pés vão caindo
Suspiros, &c.

Já nas azas da saudade
Chega a morte, e estende a mão,
Já me espreme os derradeiros
Suspiros do coração.

Inda sou teu.

CANTIGAS.

Desde o primeiro momento
Em que viste o gesto meu,
Desde então me cativaste,
Com que gosto inda sou teu!

Amor assim preparára
Este novo estado meu;
Quiz-me escravo; terno escravo,
Desde entaõ inda sou teu.

O teu coração batia,
Batia tambem o meu:
Tu sócegaste, e estás livre,
Eu inquieto inda sou teu.

Ah! que foi mui frouxo o laço,
Com que o Amor te prendeo;
Foi mal seguro, fugiste;
Segurou-me, inda sou teu.

Finjo diante dos outros,
Calo o triste estado meu;
Bem que pareça estar livre,
Sou escravo, inda sou teu.

(9)

Naõ, já naõ póde extinguir - se
Fogo, que amor accendeo ;
Entre as cinzas abafado
Arde ainda, inda sou teu.

A teu meigo volver d'olhos
Amor tantas forças deo ,
Que, desde que me prendêraõ,
Sem soltar - me, inda sou teu.

Tanto o meu amor disfargo,
Que inda ninguem o entendeo ;
Naõ o entendaõ muito embora,
Naõ importa ; inda sou teu.

Ah! meu bem, para mim vive,
Que para ti vivo eu :
Na presença, ou na distancia
Pódes crer - me, inda sou teu.

Do nosso destino a Urna
Travesso Amor revolveo ;
Vio, que tu vives mudando,
E eu morrendo, inda sou teu.

Vamos, cruel, fazer contas
De teu amor, e do meu ;
Eu pagando, naõ és minha ;
Tu devendo, inda sou teu.

Se tu vires, que eu te falto,
Dize, Lerenõ morreo ;
Mas sabendo, que inda vivo,
Saberás, que inda sou teu.

Huma nova escravidãõ
Se queres, te juro eu,
Repetindo antigos votos,
Aqui juro, inda sou teu.

(11)

Sobre a doce antiga chamma ;
Que nosso amor accendeo ;
Jura, de quem és agora,
Vê jurar, que inda sou teu.

Ser teu sempre, eternamente
Amor mesmo o prescreveo,
Eu de amor as leis seguindo,
Só teu fui, inda sou teu.

A mim já me não pertengo ;
Nem eu mesmo já sou meu ;
Amor fez, que teu eu fosse.
Por amor inda sou teu.

He huma vida já nova
A vida, que amor me deo ;
Faz ser tua a minha vida,
Eu o cumpro, inda sou teu.

(12)

Debaixo da fria Campa,
Existindo o corpo meu;
Em quanto o coração dure,
Alli mesmo inda sou teu.

PRIMAVERA.

Já lá vem a Primavera,
Mostra o rosto animador;
Vem na sua companhia
O suave, e meigo Amor.

Já derrama sobre os campos
Brando orvalho criador;
E as campinas devastadas
Faz que anime hum novo amor.

Já dos ventos furiosos
Não soa o rouco estridor;
Os galernos lisongeiros,
Só inspiraõ paz, e amor.

Já das plantas nasce a planta;
Já das flores nasce a flor;
Vaõ-se os campos animando
Por hum doce, e meigo amor.

Já d'entre os verdes raminhos
Ouço o emplumado cantor;
Que entoa nos seus gorgéos
Alegres hymnos de amor.

Boya sobre as ondas mansas
O escamoso nadador,
E festeja leves pulos
Doces effeitos de amor.

(14)

Vejo o rebanho contente
Saltar em torno ao Pastor;
E nos seus meigos balidos
Estão explicando amor.

Á sombra deste alto freixo,
Que nos escuda ao calor,
Elfina, formosa Elfina,
Vamos nós tratar de amor.

Vou consultar minha sórte
Nesta breve, e linda flor;
Bem me queres, mal me queres,
Ah! que não me tens amor.

Essa, que trazes no peito,
Talvez se explique melhor;
Era hum melindre, murchou-se.
Ah! que dura pouco amor.

(15)

Vou colher outras de acaso;
Bate o peito com temor;
Trago martyrios, saudades,
Tanto me destina amor.

Tenho nas flores má sorte,
Terei nas plantas melhor;
Colho a planta sensitiva
Tal eu sou por teu amor.

Elfina, formosa Elfina,
Que tens, que mudas de côr!
Ou feliz, ou desgraçado,
Eu te juro eterno amor.

Quando os Mortaes quer render.

CANTIGAS.

Minha Lilia, vê o mundo
A teus pés todo tremer:
Porque amor de ti se vale,
Quando os Mortaes quer render.

Nos teus olhos, lindos olhos,
Pôz amor todo o poder,
São as armas de que elle usa
Quando, &c.

Amor esconde os teus olhos,
Se nos quer entristecer,
E faz que elles appareçaõ,
Quando, &c.

Deixa Amor o arco, e setas,
Este pezo mais naõ quer;
Os teus olhos só lhe bastaõ
Quando, &c.

Sinto já de frõxo susto
O meu coração bater;
Movimento, que amor causa,
Quando, &c.

À luz viva de teus olhos
Chamma de amor sinto arder,
Vivo fogo, que elle accende
Quando, &c.

Promessas de Amor não creio,
Facil sempre em prometter;
E faculta mil venturas
Quando, &c.

Ninguem Amor acredita,
Deo-se muito a conhecer:
Já se sabe como engana
Quando, &c.

Nega Lilia a Amor teus olhos,
E verás a Amor tremer,
Dos mortaes escarnecido,
Quando, &c.

A razão tem feito a muitos
Contra Amor endurecer;
Mas elle usa do teu pranto
Quando os mortaes quer render.

Amor sabido vai gualdido.

Cautela, Olhos, cautela,
Calai vossa inclinação;
Para que os mais não percebaõ
O que tem meu Coração:
Cuidado, Olhos, cuidado;
Porque o Amor percebido
Começa a ser maltratado

Ha gente que nos vigia ,
Por ver onde as vistas vaõ ;
E por vós he que adivinhaõ
O que , &c.

Cuidado , &c.

Apenas se conhecer
Que tenho alguma paixãõ ,
Começa a ralhar a Inveja
Do que , &c.

Cuidado , &c.

Naõ pôz nunca a Natureza
Ao sentir prohibiçaõ ;
Porém o Mundo prohiibe
O que , &c.

Cuidado , &c.

Se he minha a minha vontade ,
Posso sujeitalla , ou naõ ;
A' mais gente que lhe importa
O que , &c.

Cuidado , &c.

Inda a mesma que adorais ,
Por natural presumpção ,
Ha de enfadar-se em sabendo
O que , &c.

Cuidado , &c.

RAIVAS GOSTOSAS.

Eu gosto muito de Armania ,
Que he mui dengue, he mui mimosa ;
Que meiga a todos agrada ,
E até me agrada raivosa.

Vou enraivecer Armania ,
Que tem raiva graciosa ;
As mais vencem por ser meigas ,
Ella vence até raivosa.

Gósto das suas raivinhas,
Que avivaõ a côr de Rosa;
Eu gosto de a ver córada,
Por isso a quero raivosa.

Eu com quatro palavrinhas
De idéa artificiosa,
Vou tiralla do seu serio,
Eu quero vêlla raivosa.

O seu terno Coraçãõ
Vigia mui caprichosa;
E, inda que elle queira amar,
Ella não quer de raivosa.

Tremei, Amores, tremei,
Tremei, turba presumpçosa;
Jurou a vossa ruina
Armania, que está raivosa.

Quer soffrer á sua custa
A raiva assim virtuosa ;
Naõ ha de amar, porém ha de
Ser amada, assim raivoso

E S T R I B I L H O .

O Ceo taes graças lhe deo,
Que ainda raivosa he bella ;
E senaõ que o diga eu
Que gósto das raivas della.

Ao meu pensamento.

Basta , Pensamento , basta ,
Deixa-me em fim descansar ;
Hum bem , que ser meu naõ póde,
He hum tormento lembrar.

E S T R I B I L H O .

Basta, sim, basta,
Meu Pensamento:
Tu és agora
O meu tormento.

Que importa a minha ternura,
Minha fé, minha lealdade;
Tendo a terrível mistura
Da minha infelicidade.

Basta, &c.

Idéas vans, não me finjas
Do valor de huma fé pura;
Que era melhor que eu tivesse
Menos amor, mais ventura.

Basta, &c.

(25)

Provar da Sorte a mudança
Meu Pensamento bem quiz ;
Mas a que muda nos outros
Sempre me quer infeliz.

Basta , &c.

Amor he gosto , e vontade ,
Sempre se define assim ;
Fez - me a Desgraça gostar
De quem não gosta de mim.

Basta , &c.

Basta , Pensamento ousado ,
Vê que ninguém te desculpa ;
E vê que de hum desgraçado
Inda hum pensamento he culpa.

Basta , &c.

Bauei no Templo de Amor
Com poucos e mais iguais ,
E foi todo o juramento ,
Cada , &c.

Cada vez querer-te eu mais.

IMPROVISO.

Tu gostas de meus suspiros,
E de ouvir meus tristes ais;
Gostas de ver-me, morrendo,
Cada vez querer-te eu mais.

Se em meus olhos reparares,
Has de ver de Amor signais;
E verás, quando mais vires,
Cada, &c.

Entrei no Templo de Amor
Com poucos a mim iguais;
E foi todo o juramento,
Cada, &c.

Tu já déste a meus desejos
Cruentos golpes fatais;
E a esperança me fazia
Cada, &c.

Loucamente me fugias
Para perjuros rivais;
Vinhãs delles, e me vias
Cada, &c.

No meio dos meus enfados,
Dos meus ciumes fatais,
Me viste, abrazado em zelos,
Cada, &c.

Quando tu pões nos meus olhos
Os teus olhos divinais,
Fazes com doce renovo
Cada, &c.

Protesto não mais querer-te,
Quero disto dar signais ;
E o meu coração me manda
Cada, &c.

Se depois de vir a Morte
Pódem amar os Mortais ;
Nos Elisios será visto
Cada, &c.

Puros Votos eu jurei.

IMPROVISO.

Almena, gentil Almena,
A quem a minha alma dei;
E por quem, de Amor nas Aras,
Puros votos eu jurei.

Por teu Nome, doce Nome,
Sempre alegre eu chamarei,
Por elle mesmo jurando,
Puros, &c.

(30)

Já de Amor tinha fugido,
Por ti a elle tornei;
E supplicando piedade
Puros, &c.

Roguei-lhes novas cadêas,
E os novos ferros beijei;
Voz, e vista, e mãos alçando
Puros, &c.

Amor não queria ouvir-me,
Lembrado de que o deixei;
E lembrado de que nunca
Puros, &c.

Talvez queira punir-me
De alguns Votos, que eu quebrei,
Eraõ falsos, mas agora
Puros, &c.

(31)

Logo ao raiar deste dia
O terno Apollo invoquei;
E á luz de seus mesmos raios
Puros, &c.

Que por ti a Amor servia,
A Amor mesmo protestei;
Sendo-me o Ceo testemunha
Puros, &c.

Com vozes, que sahem da alma,
Pedacos da alma arranquei;
E assim, desfeito de amores,
Puros, &c.

Por ti, se for necessario,
A vida mesma eu darei;
Que de ser teu toda a vida
Puros, &c.

(32)

Vive, e bem que sejas de outro,
Sou teu, por ti morrerei;
Jurei-o, fiz os meus votos,
Puros, &c.

Viver só para te amar.

CANTIGAS.

Venha a Morte muito embora
Meus frouxos dias cortar,
Que inda assim ha de a minha alma
Viver só para te amar.

A vida vale de pouco,
Eu pouco a soube estimar;
Quero viver porque quero,
Viver, &c.

Pudéraõ teus lindos olhos
Meu gosto antigo trocar;
Gósto viver, porque gósto
Viver, &c.

Já supplico á cruel Morte
Queira meus dias poupar,
Que por mais tempo me deixe
Viver, &c.

Tu pódes, se tu quizeres,
Os meus dias dilatar:
Ah! meu Bem, faze que eu possa
Viver, &c.

(34)

Se eu morro, e por ti só morro,
Tu me podes animar:
Anima-me, que eu prometto
Viver, &c.

Fim do III. Folheto.

VIOLA
DE
LERENO:
COLLECÇÃO
DAS SUAS CANTIGAS,
OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

FOLHETO IV.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1819.

*Com Licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M. Me-
chas, no Largo do Cães de Sodré, N. 3. A.*

VIOLETTA

BERNARDINI

COLLECCIO

DEI SUOI CANTICHI

DEI SUOI AMICI

MILANO



LIBRO

DEI SUOI AMICI

Con Licenza de' Signori de' Senatori

di Pisa

presso la Stamperia di G. B. Landi

in Via de' Servi, e non lontano dalla Chiesa di S. Maria

VIOLA
D E
LERENO.

Inda sou teu.

CANTIGAS.

Desde os nossos Juramentos
Vê, meu bem, que succedeo;
Tu prometteste, e faltaste,
Eu jurei, e inda sou teu.

Chamaste o Ceo testemunha ,
E foi testemunha o Ceo ;
Elle vê que já és de outro ,
Elle vê que inda sou teu.

Pudeste quebrar os laços
Com que o Amor nos prendeo ;
Da tua parte estás solta ,
Mas da minha, inda sou teu.

Em fim a chamma apagaste,
Que hum vivo Amor accendeo ;
Vejo que tu te esfriaste ,
Vê que eu ardo, e inda sou teu.

Amor ouvio nossos votos ,
Nossos votos recebeo ;
Tu os quebras, não és minha ,
Eu os cumpro, inda sou teu.

(5)

A teu voto, e a meu voto
Benigno Amor attendeu;
O teu foi ser minha, e faltas,
Eu não falto, inda sou teu.

O teu Coração mudou-se,
Mas não se mudou o meu;
Entra dentro, anda, vem vello,
Vê, cruel, que ainda sou teu.

Mal souu teu juramento,
Mesmo no ar se perdeu;
O meu inda se conserva,
Tu bem vês que inda sou teu.

Pudeste, ingrata, deixar-me,
Deixar-te não posso eu;
Tu mudaste, e foste de outro,
Eu não mudo, inda sou teu.

(6)

Tu foste minha por força,
Eu sou teu por gosto meu;
Falta a força, o gosto dura,
Tu és de outro, e inda sou teu.

Era teu gosto matar-me,
Mas Amor me defendeo;
E mesmo contra o teu gosto
Inda vivo, inda sou teu.

Sempre unidos nossos votos
Subirão da Terra ao Ceo;
O teu dissipou - o o Vento,
O meu não, inda sou teu.

Roubaste - me o Coração,
Que trocáras pelo meu;
Não fica assim bem a troca,
Não és minha, e inda sou teu.

(7)

Teu me fizeraõ teus olhos
Com hum brando mover seu ;
Ah! torna a olhar - me benigna ,
Vê, meu bem, que inda sou teu.

Doença, e melhora de Marilia.

CANTIGAS.

Pastores, que he isto?
Amor assustado,
E as Graças ao lado
Com susto tambem?
Que mal tem as Graças,
Amor que mal tem?

(8)

Do Deos dos Amantes
A meiga familia
Em torno a Marilia
Meus olhos lá vem.

Que he isto, que he isto?
Não sabe ninguem?

Doença atrevida,
Que esconde o seu passo,
Ergue o duro braço...
Oh Ceos! contra quem?
Os olhos o viraõ,
E ainda o não crem.

Turbou da Saude
A usada carreira;
E em varia maneira
Seu passo detem.
Amor, já sei donde
Teu susto provém.

(9)

Apressa, ó Virtude,
Ao Ceo dirigida;
Supplica esta Vida,
Mais Vida de alguem:
O bem que trouxeres
Será nisso bem.

Embora huma vez
Pareça ferina
A sã Medicina,
Que as Parcas sustem,
Pois contra os seus ferros
Tem ferros tambem.

A veia se rasga,
O sangue já corre,
Marilia não morre,
Oh Ceos! inda bem:
Já dar-nos podemos
Geral parabem.

Bateo as Azas, voou.

CANTIGAS.

Dos olhos de Ulina bella
O Deos de Amor me espreitou ;
A hum volver de olhos ferio-me,
Bateo as azas, voou.

Tinha medo da Razaõ ,
Que sempre me acompanhou ;
Ferio - me , mas foi a medo ,
Bateo , &c.

(11)

Já tinha tentado o golpe ,
E nunca o golpe acertou ;
Agora feito o seu tiro ,
Bateo , &c.

Nas leves azas librado
De longe me vigiou ;
Depois de haver - me rendido ,
Bateo , &c.

A prender - me os pés , e os pulsos
Com os seus ferros tornou ;
Depois de cingir - me os ferros
Bateo , &c.

Rio - se de ver - me captivo ,
Dos seus estragos gostou ;
E cantando o seu triumpho ,
Bateo , &c.

Naõ contente inda com isto,
Escarneceo, e zombou;
Entre os meus tristes suspiros
Bateo, &c.

Lisongeiras esperanças
Nas lindas maõs me mostrou;
Quando eu hia a segurallas,
Bateo, &c.

Rio-se Amor do meu engano,
E dos meus ais motejou,
Das minhas magoas zombando
Bateo, &c.

Que sempre me maltratasse
Muito a Ulina encommendou;
Decretando os meus tormentos
Bateo, &c.

(13)

A razaõ que me guiava
Contra elle em vaõ clamou;
Porque Amor sem attendella
Bateo , &c.

Inda assim a meus gemidos
Hum pouco Amor se inclinou ;
E temendo condoer-se
Bateo as azas voou.

E que culpa tenho eu?

CANTIGAS.

Coração, pois tu quizeste
Amar por empenho teu;
Que morras, que vivas triste,
E que culpa tenho eu?

 Á tua saudade
 Não achas desculpa,
 Que se tu a soffres
 Tu só tens a culpa.

Coração, não te lembraste
Do que já te succedeo?
Tornaste outra vez a amar,
E que, &c.

Esqueceo-te a antiga chamma,
Que baldadamente ardeo:
Tornas a chegar-te ao fogo,
E que, &c.

Das dôres, das saudades
Não tinhas exemplo, e teu?
Quizeste outra vez soffrellas,
E que, &c.

Tu não sabias que Amor
Boa vida nunca deu?
Inda teimas em servillo,
E que, &c.

(16)

Sarei-te com a razão,
Quando Amor te enlouqueceu;
Tornas á nova loucura,
E que culpa tenho eu?

Hum terno amador.

CANTIGAS.

Escuta, Cupido,
Meus ais magoados,
Que vão desgraçados
Pedir-te favor.

Tem dó de hum afficto,
Que triste assim morre;
Escuta, soccorre
Hum terno amador.

Vê como revoaõ
Meus ternos suspiros,
Que a longos retiros
Os faço transpor.

Nas pallidas faces
O pranto já corre ;
Escuta, soccorre
Hum terno amador.

Amor, vem salvar-me,
Das maõs da Ventura ;
Que a minha ternura
Tem odio, e rancor.

Ouve hum desgraçado,
Que a ti só recorre ;
Escuta, soccorre
Hum terno amador.

(18)

Lereno não vive
Se tu não lhe acodes:
Ah! salva, que podes,
O afflicto Pastor.

Mortal frio gêlo
Nas veias discorre;
Escuta, soccorre
Hum terno amador.

Crime Gostoso.

CANTIGAS.

Quem quizer saber se eu amo,
Repare em meus olhos bem;
Que elles não sabem calar
A paixãõ que o peito tem.

(19)

Inda bem ó meu cuidado,
Dizem que o amor he crime,
Eu gosto de ser culpado.

Jurei não amar, e eu amo,
Foi baldada a minha empreza;
Mas quem póde resistir
Aos encantos da belleza?

Inda, &c.

Jurei não amar, e eu amo,
Confesso a minha fraqueza;
Mas não he meu todo o crime,
He tambem da Natureza.

Inda, &c.

Talvez sem razão me culpa
Quem o meu amor crimina,
Póde ser que elle me inveje,
Quando vir que eu amo Elfina.

Inda, &c.

(20)

O que se gabar de livre ,
Naõ zombe do estado meu ,
Que se vir a minha Elfina
Será cativo como eu.

Inda , &c.

Se he hum crime o ser amante ,
Bem criminoso sou eu ,
Mas he taõ gostoso o crime ,
Que eu gosto bem de ser réo.

Inda , &c.

Naõ cuides , formosa Elfina ,
Que eu ímpias lições te dicte ,
Hum puro amor he virtude ,
He crime amar de appetite.

Inda , &c.

Quem naõ souber o que saõ
Amor , saudades , e zelos ,
Veja Elfina , e tudo fazem
Os seus lindos olhos bellos.

Inda , &c.

De adorar seus lindos olhos,
Alguem me chega a culpar;
Mas que venha hum dia vêllos,
E depois deixe de amar.

Inda, &c.

Gósto de amar, vou amando,
Que importa murmure a gente,
Se a gente que assim murmura,
Talvez não seja innocente!

Inda, &c.

Bem sei que não paga Elfina
Esta paixão que me estraga;
Mas hum amor que he só gosto,
Nem quer, nem precisa paga.

Inda, &c.

Naõ se cança a Natureza
Em criar cousas em vaõ,
E se não for para amar,
De que serve o coração.

Inda, &c.

Juramento de hum , e outro.

CANTIGAS.

Se huma doce simpathia
A amar nos vem obrigar,
Sigamos a Natureza,
Pura fé vamos jurar.

Vaõ nossos votos

Já sobre o vento,

E amor recebe

Meu juramento,

Teu juramento.

(23)

Demos ao mundo hum exemplo
De constancia singular,
Veja que ha gente que póde
Amar sem mais fim que amar.
Vaõ, &c.

Se a moda he variedade,
Vamos da moda zombar:
E amor, que a inconstancia offende,
Deve a constancia vingar.
Vaõ, &c.

A mania dos ciumes,
Nós devemos detestar
Na presença, na distancia,
Mutua fé vamos jurar.
Vaõ, &c.

Tropa de Amor.

Moda em huma Solfa de Pleyer.

CANTIGAS.

Alerta Pastores
De amor inimigos,
Q'os justos castigos
Já vejo chegar.

Amor escoltado
De mil Cupidinhos
Nos campos visinhos
Já sinto marchar.

Os fogos terriveis
Já perto chammejaõ,
Já perto lampejaõ
Os ferros mortaes.

Rebeldes Pastores ,
Pagai-lhe o tributo ,
Apressa, que escuto
Do ataque os sinaes.

De enganos volantes
A tropa ferina ,
Primeiro a campina
Vem atalaiar.

Amor os armára
De ardentes desejos ,
Com que malfazejos
Vem tudo assolar.

Fingida esperança ,
Q'amor tem a soldo ,
Erguendo aureo toldo
Vos vem enganar.

Alli quer brindar - vos
Com paz - affectada ,
E tem de emboscada
De enganos milhar.

Raivoso ciume
Lhe cobre a direita,
Tem leve suspeita
No esquerdo lugar.

Dispostos nos flancos
Vem duros cuidados,
Frenezins soldados
Mãos de accommodar.

Debalde a razão
Valer-vos deseja,
Que sempre fraqueja
Nas guerras de Amor.

Será meu conselho
Render-se a partido,
Que oppôr-se a Cupido
Foi sempre o peor.

Dos tristes gemidos,
Que o ar vaõ rompendo ;
Estou percebendo
Que Amor já venceo.

E vós presumidos
De livres, de bravos,
Já sois hoje escravos,
Cativos como eu.

Amor que castiga
Rebeldes vontades,
Mandou que em saudades
Lereno imiteis.

Como elle vos coube...
Ah! tristes coitados!
Naõ ser nunca amados
Por muito que ameis.

Amar sem interesse.

CANTIGAS.

A Formosa Uina he d'outro,
E minha não póde ser;
Assim mesmo a hei de amar,
Seja em fim de quem quizer.

Estrilho.

Hei de amar sem interesse;
Basta só ver que o merece,
Merece, merece.

(29)

Se eu a amar só sendo minha,
Pouco faço amando assim,
Que este amor, que entãõ lhe mostro,
He mais por amor de mim.

Hei de, &c.

O tormento he todo meu,
E eu trato de o mitigar;
Bem que naõ póde ser minha,
Mesmo assim a quero amar.

Hei de, &c.

Huma belleza divina,
Naõ julgo crime adorar;
Se he crime, he da Natureza,
E eu a naõ posso emendar.

Hei de, &c.

Sendo do meu Amor firme,
Taõ firme a base em que o fundo;
Manda-me a Lei da razaõ,
Que eu o esconda a todo o mundo.

Hei de, &c.

(30)

Naõ mostro a minha paixãõ,
Que do mundo tenho medo,
O mundo ralha de tudo,
Quero guardar-lhe segredo.
Hei de, &c.

Jurou Ulina ser d'outro,
E d'outro Ulina ha de ser,
Se for perjura perdeo-se,
Se o naõ for, que hei de eu fazer?
Hei de, &c.

Naõ quero que o mundo entenda
Minha mal paga paixãõ,
Só porque elle naõ me accuse,
O gosto de amar em vaõ.
Hei de, &c.

Naõ quero que Ulina saiba,
Que me fere, e me maltrata;
Só por poupar-lhe o desgosto,
De que deve ser-me ingrata.
Hei de, &c.

(31)

O meu amor sempre puro,
Nem aspira, nem se atreve,
A obrigar a quem adoro,
A fazer o que não deve.

Hei de, &c.

Temo as Leis escrupulosas,
Que o vaidoso mundo tem;
E não quero fazer mal,
A quem he todo o meu bem.

Hei de, &c.

Não hei de queixar-me nunca,
D'adorada formosura,
Faço a ella os meus louvores,
As queixas faço á ventura.

Hei de, &c.

Talvez que eu dê em amores
Huma prova singular;
Que he successo nunca visto,
Amar sem mais fim, que amar.

Hei de, &c.

Já mal posso respirar.

CANTIGAS.

Vem Ulina s'inda queres,
Os meus dias dilatar;
Que abafado de saudades
Já mal posso respirar.

De chamar em vão teu Nome,
Minha voz sinto cançar,
Nem chamar-te mais eu posso,
Já, &c.

(33)

Sinto a luz destes meus olhos
Pouco a pouco ir-se apagar,
O coração desfalece,
Já, &c.

Mil idéas pavorosas,
Minha mente vem turbar,
Entre sustos, e receios,
Já, &c.

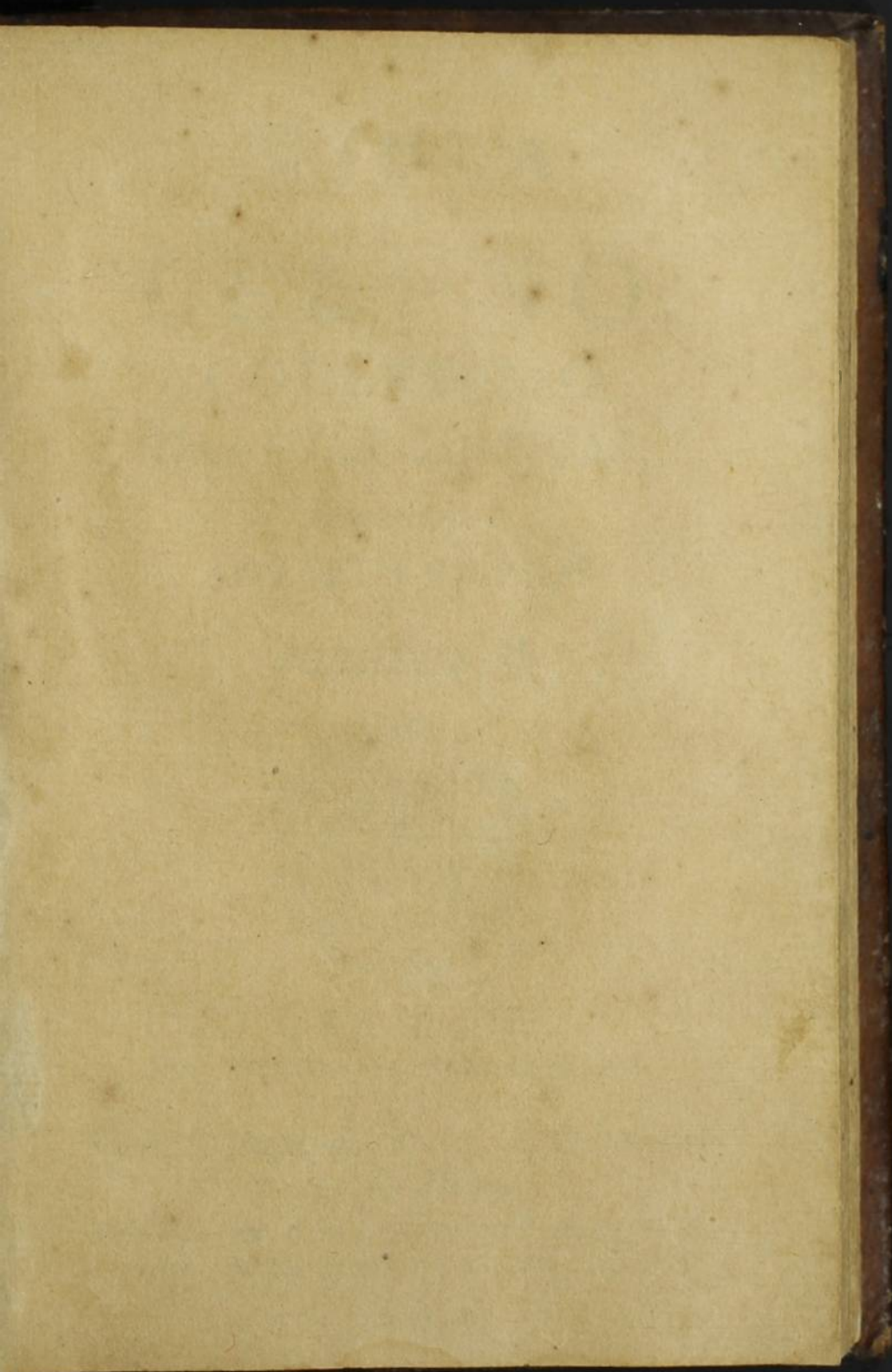
Vem as horridas suspeitas,
Meu tormento accrescentar:
Pungem, ferem, e eu afflicto,
Já, &c.

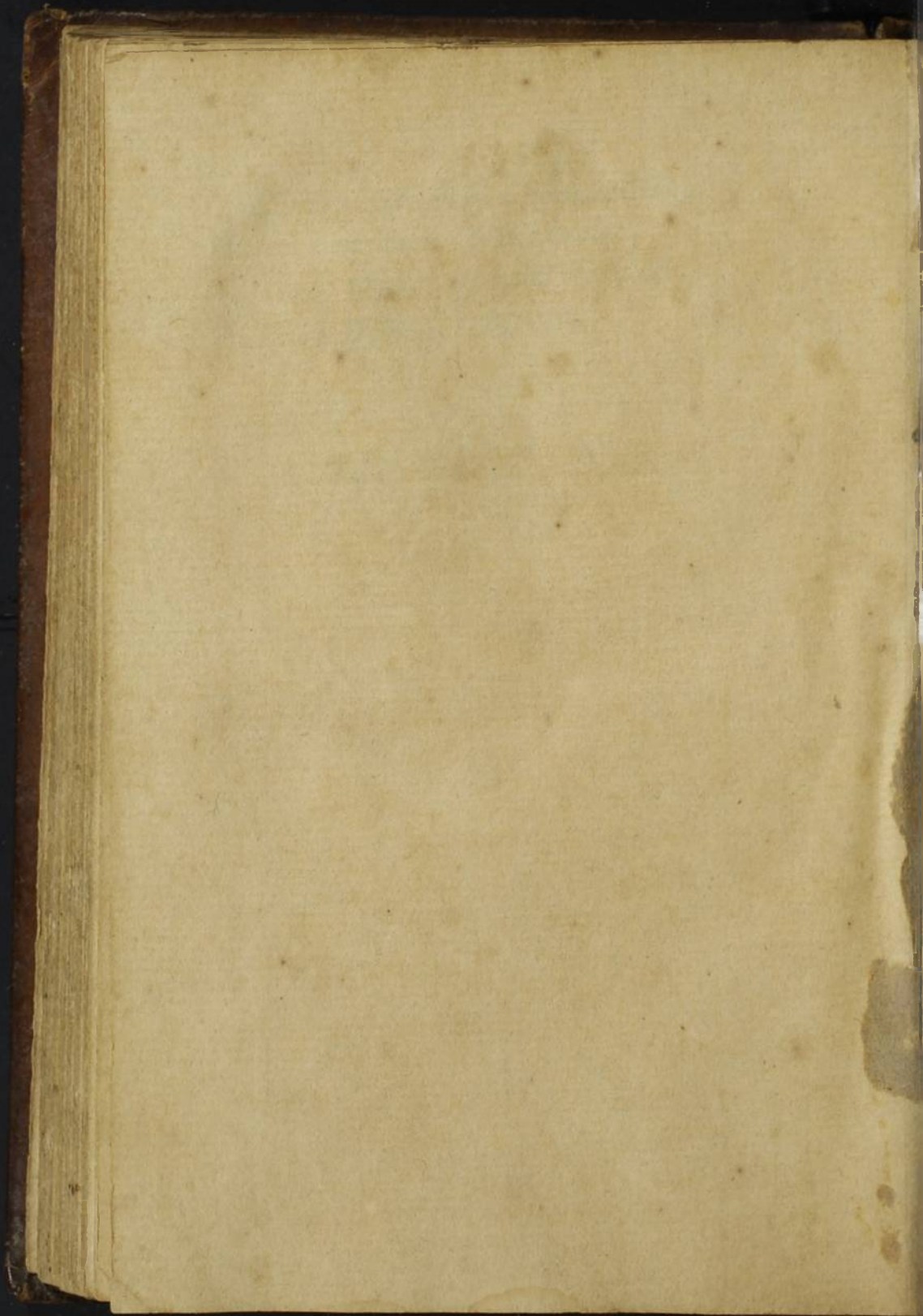
Peza tanto na minh'alma,
O meu contínuo pezar,
Que se não me desafogas,
Já, &c.

(34)

Cuidados sobre cuidados,
Sinto em mim amontoar,
Já não tenho aonde caibaõ,
Já mal posso respirar.

Fim do IV. Folheto.





VIOLA
D E
LERENO:
COLLECCÃO
DAS SUAS CANTIGAS,
OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

FGLHETO V.



L I S B O A,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1 8 1 9.

*Com Licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M. Me-
chas, no Largo do Cães de Sedré, N. 3. A.*

VIOLA

DE

L. FERREIRO

COLLECCAO

DAS SUAS CANÇOES

EXTRACIDAS

AVOS SEUS AMIGOS

LEOPOLDO N.



LISBOA

NA TYPOGRAPHIA POLIGRAFICA

1819

Com a licença da Real Academia de Ciências

de Lisboa

Impressão de Leopoldo N. de Almeida

1819

VIOLA
DE
LERENO.

Cumprimento do voto.

CANTIGAS.

O Voto que eu fiz a Amor,
Naõ he hum voto indiscreto,
Hei de cumprir o meu Voto;
Eu naõ falto ao que prometto.

Quando eu prometto ternuras,
Eu ternuras naõ affecto,
Prometti amar, eu amo,
Eu, &c.

(4)

Prometti se não mudasses
Não mudar de amor, e objecto;
Tu mudaste, eu mudei-me,
Eu, &c.

Teme embora o ser julgada,
Por Amor, que he Juiz recto,
Elle castiga quem falta,
Eu, &c.

Talvez me deixas por outro
Mais gentil, e mais discreto,
Eu igual causa não acho,
Eu, &c.

Do juramento o sentido
A saber não interpreto;
Prometti ser firme, e basta,
Eu não falto ao que prometto.

Diga o Mundo o que quizer.

CANTIGAS.

Resistir a huns olhos lindos,
Em que amor pôz seu poder;
Eu não posso, ou eu não quero,
Diga o Mundo o que quizer.

Paga amor com amor,
He hum natural dever;
Quero pagar quem me ama,
Diga, &c.

Em quanto amar me quizeres,
Tambem te quero querer;
Dure entre nós a constancia,
Diga, &c.

(6)

O Mundo ralha de tudo ,
Ora quer , ora não quer ;
Mas eu vou sempre querendo ,
Diga , &c.

Amar sem que ralhe o mundo ,
Menina , não póde ser ;
Mas isso o que importa , amemos ,
Diga , &c.

Pobre do mundo , se acaso
O terno amor se perder ;
Por amor he que elle existe ,
Diga , &c.

Ralhaõ de vós os que amáraõ ,
E chamaõ crime ao querer ;
He crime de que gostáraõ ,
Diga , &c.

(7)

Andar em bocas do mundo ,
Só tu me podes fazer ;
Eu porém não me arrependo ,
Diga , &c.

Teus olhos a amar me ensinaõ ,
Os meus gustaõ de aprender ,
A liçaõ continuemos ,
Diga , &c.

Esta doce Lei de Amor
Recebi logo ao nascer ;
Vou cumprindo a Lei, que he doce ,
Diga , &c.

*Coração, não gostes della,
Que ella não gosta de ti.*

CANTIGAS.

Coração, que tens com Lilia?
Desde que seus olhos vi,
Pulas, e bates no peito,
Tape tape, tipe ti:

*Coração, não gostes della,
Que ella não gosta de ti.*

(9)

Quando anda, quando fala ;
Quando chora, quando ri ;
Coração, tu não socegas,
Tape tape, tipe ti :
Coração, &c.

Já te disse, que era d'outro ;
Coração, não te menti ;
Mas tu coitado ! te assustas ;
Tape tape, tipe ti :
Coração, &c.

Aquelle modo risonho
Não he, nem foi para ti :
Basta, louco, e não estejas
Tape tape, tipe ti :
Coração, &c.

Hum dia que me afagava,
Zombava, eu bem percebi,
Era por gostar de ver-te
Tape tape, tipe ti.
Coração, &c.

(10)

Coração, tu não me enganes,
Todo o teu mal vem dalli:
Tu palpitando, te explicas,
Tape tape, tipe ti:
Coração, &c.

He amavel, mas não ama;
Eu já mesmo to adverti;
E tu mui nescio teimando,
Tape tape, tipe ti:
Coração, &c.

Se tu leres nos seus olhos,
O que eu com meus olhos li;
Talvez te não cances tanto,
Tape tape, tipe ti:
Coração, &c.

O meu livre Coraçãõ.

C A N T I G A S.

Já de todo abandonei
De amor a cruel paixãõ ;
Tenho em socego no peito
O meu livre coraçãõ :

Mostro a todos em pedaços
O antigo, e duro grilhaõ ;
Tenho, em doce liberdade
O meu, &c.

Amor naõ torna a prender-me,
Que me defende a razaõ ;
A razaõ he quem ampara
O meu, &c.

(12)

Ouço os gemidos dos outros,
Vejo d'outros a afflicção;
Tenho dó, mas tenho livre
O meu, &c.

Gosto da bella, que he bella,
Quer seja ingrata, quer não;
Das ingratas ri, e zomba
O meu, &c.

Escapei das mãos de amor,
Dos seus golpes estou saõ;
Vivo livre, e em paz respira
O meu, &c.

A Illustrê Amira.

CANTIGAS.

Na fresca Bellas
Ao som da lyra,
A Illustrê Amira
Quero eu cantar:
Amira, Amira, Amira
Ouça o Ceo, a terra, e o Mar.

Com ella as graças
Sempre passeiaõ;
Sempre a rodeiaõ
Se a vêm parar:

Amira, &c.

Vão as virtudes
Dados os braços,
Guiando os paços
Que ella ha de dar:

Amira, &c.

Viçosos campos
De que he Senhora,
Lhe mandou Flora
Alcatifar:

Amira, &c.

Lindas boninas,
Plantas viçosas,
Ficaõ vaidosas
De ella as pizar:

Amira, &c.

A molle relva
Que isto entapiza;
O pé que a piza
Gosta beijar:

Amira, &c.

Vejo dobrar-se
Troncos hirsutos;
Porque ella os frutos
Lhe vá tomar:

Amira, &c.

Freixos erguidos
A coma estendem;
Tanto a defendem
De a o Sol crestar,

Amira, &c.

Às Aves mesmo
Tal gosto inspira,
Que o nome Amira
Lhe ouço cantar:

Amira, &c.

Todos em honra
Da Natureza,
Sua belleza
Devem honrar:

Amira, &c.

A Armania.

CANTIGAS.

Dizei, humanos,
Se a Natureza,
Melhor belleza
Póde formar?

Armania linda,
Vinde louvar.

Notai a graça
Dos seus cabellos,
E os olhos bellos
Vêde raiar :

Armania, &c.

A côr das faces
He a da Aurora,
Que hum dia córa
Dá luz ao ar:

Armania, &c.

Das graças cofre
A boca linda,
Onde Amor inda
Se vai fartar:

Armania, &c.

Orfeo esqueça
Que com o seu canto,
As pedras tanto
Fez abalar:

Armania, &c.

Sahe de huma boca
Taõ peregrina,
Voz mais Divina,
Voz singular:

Armania, &c.

Maravilhoso
He seu effeito,
Penetra o peito
Sem o rasgar:

Armania, &c.

Torna contente
Quem está triste,
Naõ lhe resiste
Nenhum pezar:

Armania, &c.

Os seus felizes
Preciosos dias,
Mil alegrias
Tem de nos dar:

Armania, &c.

Pois he a nossa
Felicidade,
A sua idade
Vamos cantar:

Armania, &c.

Lereno melancolico.

C A N T I G A S.

Pastoras, não me chameis
Para vossa companhia,
Que onde eu vou comigo levo
A mortal melancolia.

Coube-me por triste sorte
Eclipsada, estrella impia,
Que em meus dias sempre influe
A mortal melancolia.

Logo ao dia de eu nascer,
Nesse mesmo infausto dia,
Veio bafejar-me o berço
A mortal melancolia

Por cima da infeliz choça
Gralha agoureira se ouvia,
Que a meus dias agourava,
A mortal melancolia.

No meu innocente rosto
Quem o notava, bem via,
Q' em triste côr se marcava,
A mortal melancolia.

Que fiz eu á Natureza?
Á fortuna eu que faria?
Para inspirar-me taõ cedo
A mortal melancolia!

De alegria ouço eu fallar,
Naõ sei o q' he alegria;
Nunca me deixou sabello
A mortal melancolia.

Se hum anno triste se acaba,
Triste o outro principia;
Marca as horas, dias, mezes
A mortal melancolia.

Sou forçado a alegre canto,
Faço esforços de alegria,
E occulto no fundo d'alma
A mortal melancolia.

Enxugo o pranto nos olhos,
Obrigo a que a boca ria,
Para disfarçar comvosco
A mortal melancolia.

Naõ quero com meus pezares
Funestar a companhia;
Que he huma peste que lavra
A mortal melancolia.

Se os seus bens me mostra a sorte,
Mostra-mos por zombaria;
Porque para mim só guarda
A mortal melancolia.

Sonhei que huma Augusta mão
Venturoso me fazia;
Foi sonho, e fica em verdade
A mortal melancolia.

Fui abranger as venturas
Que o sonho me offercia;
E despertei abraçando
A mortal melancolia.

Se hum prazer se me dirige
Occulta força o desvia;
Só de mim se não separa
A mortal melancolia.

(23)

Ella me vai consumindo
De hora a hora, dia a dia;
Sinto-me ir desfalecendo
Da mortal melancolia.

O sangue vai-se gelando,
O coração se me esfria;
Fica em paz, Armania, eu morro
Da mortal melancolia.

Inda quando o frio corpo
Se envolver na terra fria;
Ha de correr meus ossos
A mortal melancolia.

Se acaso dura a tristeza
Dos Numes na companhia;
Alli mesmo hei de ter n'alma
A mortal melancolia.

(24)

Sobre a minha sepultura
Que escrevessem quera,
Hum Epitafio em triumpho:
A mortal melancolia.

Lereno alegrou os outros,
E nunca teve alegria;
Viveo, e morreo nos braços
Da mortal melancolia.

Naõ se resiste a Amor.

CANTIGAS.

Emprehedeo Amor vencer.
O meu livre coração,
E eu que tanto resistia
Resistir naõ pude, naõ.

Estrilho.

Quem terá forças,
Terá valor
Com que resistaõ
Ao Deos de Amor.
Naõ se resiste;
Ah! naõ, naõ, naõ.

(26)

Resistir ao Deos Cupido
He huma vã presumpção,
Eu mesmo que o presumia
Resistir não pude, não:
Quem, &c.

Chamo a razão em soccorro,
Desampara-me a razão;
Da razão desamparado
Resistir não pude, não:
Quem, &c.

Mais não me venceo Cupido
Co' as setas que traz na mão;
Mostrou-me huns olhos mui meigos,
Resistir não pude, não:
Quem, &c.

Vejo o Heróe que larga a Clava,
E toma o fuzo na mão;
A quem Hercules cedera
Resistir não pude, não:
Quem, &c.

(27)

Vi Amor ferir a Jove,
Vi tremer delle Plutaõ;
Ao vencedor de altos Numes
Resistir naõ pade, naõ.
Quem, &c.

Lisongeiras esperanças
Mostra amor na esquerda maõ,
Com seus premios seduzido
Resistir naõ pade, naõ :
Quem, &c.

Clamor de Lerenõ.

A Serra de Cintra
Lerenõ trepava;
E a sua Corila
Vãmente chamava :
Corila, Corila
Vãmente chamava.

Descia dos montes,
Os Valles buscava;
E os gritos saudosos,
E os ais redobrava:
Corila, &c.

A voz de Lereno
C'os écos tornava;
Em vaõ, que a Pastora
O não escutava:
Corila, &c.

O Zefyro brando
Q' alli susurrava;
No mesmo susurro
Lereno assustava:
Corila, &c.

A fonte visinha
Q' entaõ murmurava;
A' voz de Corila
Se lhe assemelhava:
Corila, &c.

(29)

O triste Serrano
Em vaõ se cançava;
Perdia o seu tempo,
Seus gritos baldava:

Corila , &c.

Quiz ver se a fortuna
Se lhe apiedava;
E a Deosa traveça
Mais delle zombava:

Corila , &c.

Tornava a subir,
A descer tornava
Se infeliz subia,
Infeliz baixava:

Corila , &c.

Alerta que Amor faz guerra.

C A N T I G A S.

Alerta, livres Pastores,
Q'ò Deos de Amor vos faz guerra;
E vos chama a desafio
Nos Campos de Salvaterra:
 Nos lindos Campos
 De Salvaterra
 Anda Cupido
 Fazendo guerra.

Já solta o Pendaõ aos ares
O traveço, o cégo Nume,
E traz por cruéis divisas
A saudade, e o ciume:
 Nos lindos, &c.

(31)

Marchaõ diante as suspeitas,
Que saõ a guarda avançada;
Que exploraõ todo o caminho
Sem darem quartel a nada:
Nos lindos, &c.

Vaõ os ávidos desejos
Os Rufos amiudando;
Seguem a marcha os amores
Sempre as setas apontando:
Nos lindos, &c.

A quantos os Campos passeiaõ
Deixaõ de morte feridos;
Sexo, qualidade, estado,
Naõ attendem os Cupidos:
Nos lindos, &c.

Vem Armania, a linda Armania
Q' arrasta troféos de gloria;
Prostraõ-se a seus olhos todos,
He della toda a victoria:
Nos lindos, &c.

PARTIDA

*Traducção, e Glosa da Partenza de
METASTAZIO.*

CANTIGAS.

Parto, ó Nize, e este adeos
Naõ sei s'ultimo será;
Ah! quem sabe se Lereno
Inda a ver-te tornará.

Nize, ó Nize, adeos, adeos,
Teu Lereno parte já;
Quem lhe diz por piedade
S'inda a ver-te tornará.

O meu coração presago
Naõ sei que annúncio me dá;
Vai Lereno, mas quem sabe
S'inda a ver-te tornará.

Frio susto prende o sangue
Sem que o triste peito vá;
Teu Lereno desconfia
S'inda a ver-te tornará.

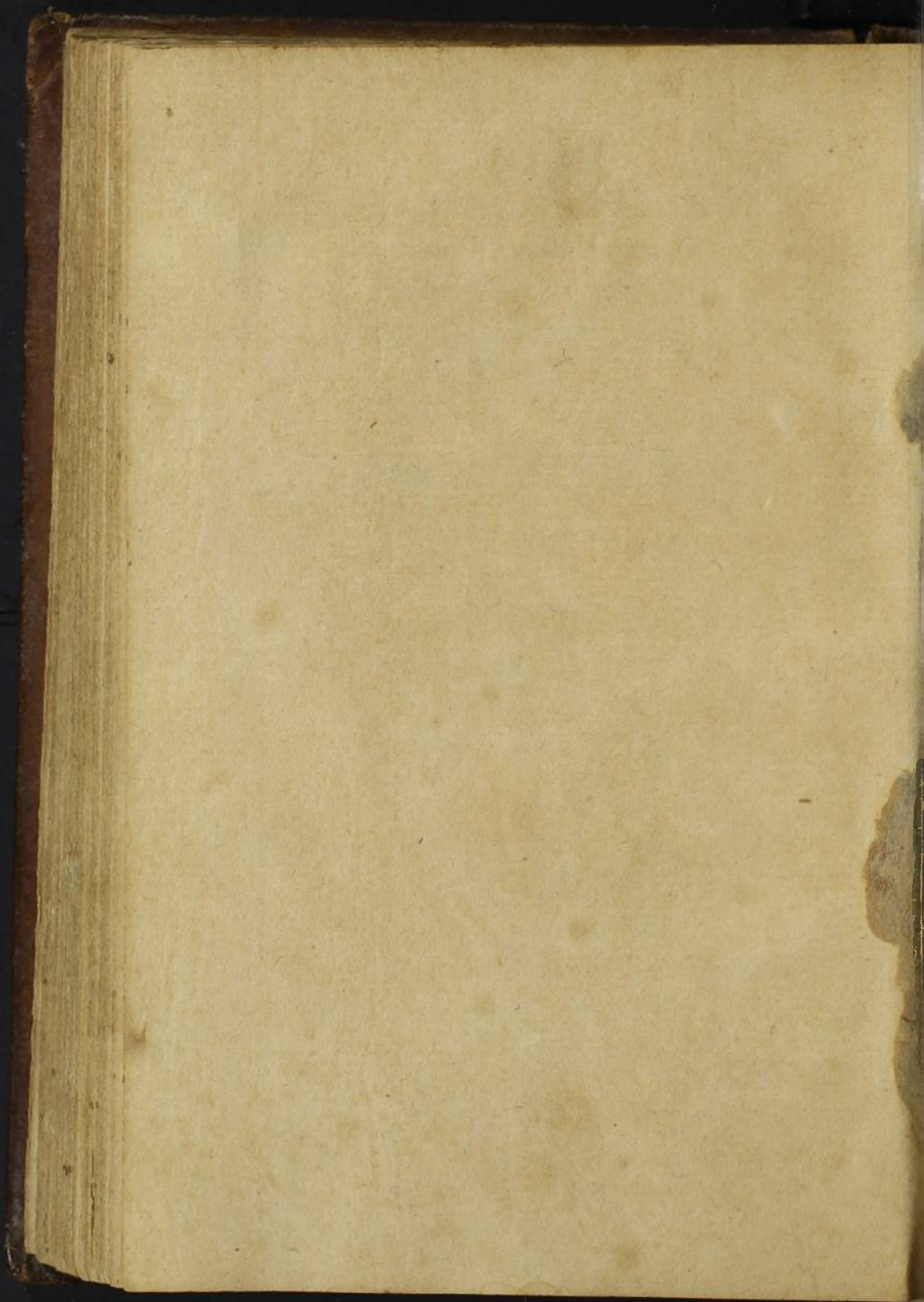
Ah! quem sabe se o ciume
Os meus dias turbará;
E se em braços de outro amante
Inda a ver-te tornará.

(34)

Ah! quem sabe, linda Nize,
Se a saudade o acabará;
Ou se a ella resistindo
Inda a ver-te tornará.

Fim do V. Folheto.





VIOLA
DE
LERENO:
COLLECÇÃO
DAS SUAS CANTIGAS,
OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

FOLHETO VI.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1819.

*Com Licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M. Me-
chas, no Largo do Cães de Sodré, N. 3. A.*

VIOLA

DE

FERREIRO

COLLECCAO
DAS SUAS CANÇOES

OPUSCULO
AOS SEUS AMIGOS

POLIBRTO PA.



LISBOA

NA LITOGRAFIA BOLLANDIANA

1810

Com o favor de Sua Magestade Real

do Reino

Tratado de Comercio e Consulado

entre a Real Coroa de Portugal e a

VIOLA
DE
LERENO.

Sobre as Azas dos Amores.

G L O S A.

CANTIGAS DE IMPROVISO.

Pois quereis, amigos Vates,
Escutar meus clamores;
Reparai como elles giraõ
Sobre as azas dos Amores.

(4)

Aproveito o privilegio
Dos Pindaricos Cantores ;
Já começo a erguer-me ás nuvens
Sobre , &c.

Como a venenosa Sérpe
Se esconde entre as lindas flores,
Vôa o engano escondido
Sobre , &c.

Põe, Lesbina, os lindos olhos
Nos dos meus competidores,
E as desfeitas vem pungir-me
Sobre , &c.

Reparai na linda face
Como aviva , ou perde as côres,
Quando os remorsos a buscão
Sobre , &c.

(5)

Deixo em fim na baixa terra
Os receios, e os temores;
Vou soltar verdades ternas
Sobre, &c.

Lereno, que era o mais livre,
E o mais terno dos Pastores;
Vio fugir a liberdade
Sobre, &c.

Lesbina, a gentil Lesbina,
Dos olhos encantadores,
Fez voar vivos desejos
Sobre, &c.

Ah! que em torno aos olhos lindos,
Que não tem competidores,
Voava a meiga esperança
Sobre, &c.

(6)

De meus males esquecido ,
E minhas antigas dores ,
Os prazeres me cercavaõ
Sobre , &c.

Fugiaõ meus dias tristes ,
Trazia o tempo os melhores ;
O tempo que só marchava
Sobre , &c.

Ai! que meus Fados cruéis ,
Sempre meus perseguidores ,
Fazem voar as desgraças
Sobre , &c.

Por meus suspiros ardentes ,
Que levaõ meus dissabores ,
Tornaõ frios desenganos
Sobre , &c.

(7)

Ah! de Amor não vos fieis,
O' innocentes Pastores,
Q'ás vezes manda os ciumes
Sobre, &c.

Lesbina chamou-se minha,
Deo disto as provas melhores,
Seus votos aos Ceos subiaõ
Sobre, &c.

Mas o Ceo que reconhece,
Que seus votos são traidores,
Póde mandar-lhe o castigo
Sobre, &c.

Onde hirás, meu coração,
Se aonde quer que tu fores,
Acharás sempre a desgraça
Sobre, &c.

(8)

Dispara, sim, bella ingrata,
Teus cruentos passadores,
Faze sahir a minh' alma
Sobre, &c.

Venturosos meus suspiros,
Meus suspiros voadores,
Se encontraõ esses que tornaõ
Sobre, &c.

Quando naõ vejo teus olhos,
Teus olhos triumphadores,
O teu nome sólto aos ares
Sobre, &c.

Vôa sobre as negras azas
Dos zelos devoradores,
Em quanto outros vaõ tranquillos
Sobre, &c.

(9)

E a traidora que assim zomba
De meus sentidos clamores,
Manda a outro os seus afagos
Sobre, &c.

Pastores, morreo Lereno,
O melhor dos amadores,
Amor o leva em triumpho
Sobre as azas dos Amores.

Ais.

CANTIGAS.

Amor, ai, Amor, eu morro;
Eu não posso viver mais;
Vão-me consumindo a vida
Os meus repetidos ais:
Amor, basta, basta,
Não me firas mais;
Se meus ais desejas,
Aqui tens meus ais:

A minha ingrata despreza
Da minha dôr os sinaes,
Meus ais lhe dizem que eu amo,
Ella não ouve meus ais:

Amor, &c.

(11)

A minha paixão occulto
Com medo dos meus rivais;
E sóto por desafogo
Medrosos, affictos ais:
Amor, &c.

Por mais que busco em seu rosto
Da compaixão os sinais,
Nem se turba, nem se inclina
Ao triste som dos meus ais:
Amor, &c.

Olhos cruéis, porém lindos,
Que os meus olhos cativais;
Recebei o meu tributo,
O meu tributo saõ ais:
Amor, &c.

Quando por minha desdita,
Em outros vos empregais;
Corre dos meus triste pranto,
Voaõ do peito meus ais:
Amor, &c.

(12)

Se de ver-me padecer,
Olhos cruéis, vós gostais;
Unindo-me a vosso gosto,
Darei por gosto meus ais:
Amor, &c.

Ah! poupai-me, olhos cruéis,
Que a minha vida gastais;
Eu a sinto pouco a pouco
Desfazer-se nos meus ais:
Amor, &c.

Se por soberba, crueis,
Teimosos me maltratais;
Póde amor ainda hum dia
Vingar desprezados ais:
Amor, &c.

Basta, cruel, não me queixo,
Não quero affligir-me mais;
Hirei para muito longe
Esconder meus tristes ais:
Amor, &c.

A Tirqueia.

CANTIGAS.

Quando sólta a voz suave
A lindissima Tirqueia;
Na miuda, e branca areia
Vejo o Rio espreguiçar-se;
Como quem quer demorar-se
Para a ver, para a escutar:
Tirqueia, Gentil Pastora,
Sólta a voz doce, e canóra,
Se nos queres consolar.

Quando sólta a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Desassombra a noite feia,
E a triste ave, que gemia,
Cala os gritos de agonia,
Nem se escuta mais piar:
Tirqueia, &c.

Quando sólta a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Mudo o Zéfyro passeia,
Entre as plantas, entre as flores,
Nem co' os vãos rugidores
Quer seu canto perturbar:
Tirqueia, &c.

Quando sólta a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Lindo enxame alli zumbeia,
E no ar, que ella adoçára,
Bebe a essencia que prepara
Para novo mel formar:
Tirqueia, &c.

(15)

Quando sóla a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Triste Nympha, que vozeia
Dos cavados montes seccos,
Torna alegres os seus écos,
Q' essa voz faz adoçar:
Tirqueia, &c.

Quando sóla a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Filomela não gorgeia,
Mas absorta em meigo pranto
Ouve muda o raro canto,
Que ao depois quer imitar:
Tirqueia, &c.

Quando solta a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Terno Amor, que alli volteia,
Larga as setas, tanto usadas,
E co'as vozes delicadas
Vai o mundo sujeitar.
Tirqueia, &c.

Quando sóla a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Desce á nossa triste Aldêa
A suavissima alegria,
Que nas azas da harmonia
Vem a todos consolar:
Tirqueia, &c.

A minha amante paixão.

CANTIGAS.

Hei de offerecer a Amor
Minha humilde petição ;
Esperando hum *como pede*
A minha amante paixão.

Hei de pedir-lhe que veja
A quem dei meu coração ;
Q' em a vendo, logo approva
A minha amante paixão.

Nunca Amor vio iguaes olhos,
Posto igual nunca vio, naõ;
Nem verá paixaõ que iguale
A minha amante paixaõ.

Que os meus suspiros guiando
Lhe penetre o coração ;
De modo, que a enterneça
A minha amante paixaõ.

Mostre-lhe os vivos desejos
Que com meus suspiros vaõ ;
E com a minha saudade
A minha amante paixaõ.

Compadecida o meu bem
Da minha terna afflicção ;
Com igual paixaõ me pague
A minha amante paixaõ.

Aos que vão de Amor ao Templo
Serei exemplo, e lição;
Sirva aos outros de modelo,
A minha amante paixão.

Muitos amão com loucura,
Eu de amar tenho razão;
Que tem mil razões amáveis,
A minha amante paixão.

Naõ terás nas tuas aras
Huma mais digna oblação;
Se unes á sua constancia
A minha amante paixão.

Coroa a minha fé pura,
Naõ deixes que eu ame em vão;
Que bem merece os teus premios
A minha amante paixão.

Em torno dos teus altares
Os meus Hymnos voaráõ;
Ternos Hymnos, que te envia
A minha amante paixaõ.

Por honra do teu poder
Naõ me desampares, naõ,
Olha, Amor, que te acredita
A minha amante paixaõ.

Nada de saudades.

CANTIGAS.

Amor, eu venho pedir-te
Hum favor por piedade;
Dá-me dos teus males todos,
Mas nunca me dês saudade.

Amor, eu viver não posso
Dividido em ametade;
Junto a meu bem soffro tudo,
Mas nunca me dês saudade.

Amor, se provar quizeres
Minha fé, minha lealdade;
Dá-me suspeitas, ciumes,
Mas nunca me dês saudade.

Amor, dos teus males todos
Constante soffro a maldade;
Mas com saudades desmaio,
E nunca me dês saudade.

Amor, os olhos que eu amo
Tem de meus olhos piedade;
Se os não vejo não me acodem,
Ai! nunca me daõ saudade.

Amor, ajustemos hoje;
Cumpre em mim tua vontade;
Mas não me negues ver Lilia,
E nunca me dês saudade.

Amor, os teus males juntos,
Saõ de huma ausencia metade;
Alli ha suspeitas, zelos,
Ah! nunca me dês saudade.

Amor, eu te sirvo ha muito,
Sempre de boa vontade;
Naõ te fallo em pagamento,
Mas nunca me dês saudade.

C A N T I D A S

A
seguiu-se o render-me
O meu coração
Amor de render-me
Ação o motivo
Eu já sou casado
Fui amado; e casado
Fui amado

E entaõ.

CANTIGAS.

Alzira formosa,
Desgraça foi ver-te,
Seguiu-se o render-te
O meu coração.

Amor de render-me
Achou o motivo,
Eu já sou captivo,
Eu amo; e entaõ?
Entaõ?

(25)

Ao ver os teus olhos
Taõ vivos, e bellos,
Eu tenho de vêllos
Maior ambição.

Por mais que eu os veja
Naõ farto a vontade;
Eu tenho saudade;
Eu amo; e entaõ?
Entaõ?

Se a outrem voltada
Tu fazes carinhos,
Ciumes daninhos
Ferindo-me estaõ:

Mais triste me sinto
Do que se presume;
Já tenho ciume;
Eu amo; e entaõ?
Entaõ?

(26)

As vezes eu finjo
Os bens que eu mais quero;
Fingindo eu espero,
Que os bens chegarão.

Vendo a tempestade,
; Espero a bonança;
Já tenho esperança,
Eu amo; e então?
Então?

Eu sinto nest'alma
Huma cousa nova,
Não tinha inda prova
Da doce paixão.

Do que outros diziaõ
Eu provo a verdade,
Isto he novidade,
Eu amo; e então?
Então?

Apanhe para seu ensino.

CANTIGAS.

Tenho ainda hum coração,
Qual já não devêra ter;
Pois não querendo o q' eu quero
Quer só tudo o que elle quer:

Hei de castigallo;
Ha de lhe doer;
Dar-lhei pancadas
Para aprender:

Apenas vê lindos rostos
Logo se lhe vai render;
Não quer o que a razão manda,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Vê as barbas do visinho,
Do ciume em fogo arder;
As suas não põe de molho,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Naõ quer, quando he necessario,
Occultar o seu prazer;
Diz nos olhos quanto sente,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Digo ás vezes que não ame,
Que não ha de amado ser;
O teimoso não me escuta,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Se he preciso contentar-se
Com metade do prazer;
Naõ o contentaõ metades,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

(29)

Ha mil destes corações,
Diga o mundo o que disser ;
Quem ama não quer conselhos,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Choro a minha desventura.

G L O S A.

C A N T I G A S.

Do meu triste amargo pranto
Quem razão saber procura,
Saiba, que sou desgraçado,
Choro, &c.

Desgraçado desde o berço
Serei té á sepultura ;
Pois assim o quiz meu Fado ;
Choro, &c.

(30)

A minh' alma desgraçada,
Em vão soccorros procura;
Ninguem póde soccorrer-me,
Choro, &c.

Tenho, por maior desgraça,
Hum' alma dada á ternura;
Serei infeliz amando,
Choro, &c.

Naõ posso esperar favor
Da adorada formosura;
Devo amar sem ser amado,
Choro, &c.

A que me jurou amar,
Por força ha de ser perjura;
Assim o quer o meu Fado,
Choro, &c.

Naõ posso lisongear - me
De esperar huma figura;
Negaõ - me até a esperança,
Choro, &c.

A torrente do meu pranto
Tem huma horrivel mistura;
Entre saudades, e zelos,
Choro, &c.

Deve durar meu tormento,
Em quanto a vida me dura;
Saibaõ que onde quer que eu viva,
Choro, &c.

Queixas a Amor.

CANTIGAS.

Venho, Amor, de ti queixar-me,
Ouve que eu tenho razãõ;
Principio por mostrar-te
Qual eu tenho o coraçãõ.

Isto, Amor, naõ he bem feito
Naõ, naõ he bem feito, naõ.

As doçuras promettidas
Esperei, traidor, em vaõ;
Dize, se acaso estes golpes
As tuas doçuras saõ?

Isto, &c.

Minha doce liberdade
Puzeste em alheia mão ;
E a preço de vãs promessas,
Cativastes o coração :
Isto , &c.

Onde estão os teus prazeres ?
Dize , cruel , onde estão ?
Sobre ciumes , saudades ;
Estes vem , quando essas vão :
Isto , &c.

De prazeres assaltado
Não tenho socego , não ;
E apenas vem , logo foge
A escaça consolação :
Isto , &c.

Fazes da cruel Ulima
Travêssa repartição ;
Eu tenho as doces promessas ;
Outro goza o coração :
Isto , &c.

(34)

Eu taõ prezo, ella taõ solta;
Ouve a minha petiçaõ:
Ou me une mais a Ulina:
Ou me quebra este grilhaõ:
Isto, &c.

Fim do VI. Folheto.

VIOLA
DE
LERENO:
COLLECÇÃO
DAS SUAS CANTIGAS,
OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

FOLHETO VII.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1819.

*Com Licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M. Me-
chas, no Largo do Cães de Sodré, N. 3. A.*

VIOLA

LE RENO

COLLECCAO

DAS SUAS CANCIGAS

OPRESCITA

AOS SEUS AMIGOS

ROBERTO VIL



LISBOA

NA TYPOGRAPHIA POLIGRAFICA

1819

Com Licença da Real Academia de Lisboa

do Typo

Publicado em Casa de Edição de R. O. de M. M.

chamada, no Largo do Carmo de Lisboa, N. 14

VIOLA
DE
LERENO.

Aonde está o meu bem.

CANTIGAS.

O meu coração palpita,
Continuos pulos me dá;
Elle pergunta inquieto
Aonde o meu bem está?
E onde está o meu bem?

Ao depois que eu não sei della
Tambem de mim não sei já;
Voa, amor, e vai saber
Aonde o meu bem está:
E onde, &c.

(4)

O caminho que ella piza
Asp'ro caminho será,
Vai, amor, espalhar flores
Aonde o meu bem está :
E onde, &c.

O Sol c'os ardentes raios
A terra alli queimarás;
Vai, amor, cobrir co' as azas
Aonde o meu bem está :
E onde, &c.

Pelas desertas campinas
O meu bem se assustará;
Leva est' alma destemida
Aonde o meu bem está :
E onde, &c.

De quem por ella suspira
Talvez não se lembrará ;
Leva, amor, os meus suspiros
Aonde o meu bem está :
E onde, &c.

(5)

A triste Melancolia

Tristemente a seguirá;

Leva, amor, doces prazeres

Aonde meu bem está:

E onde, &c.

Que tempo estarei sem vêlla!

Dize, amor, quando será?

Traze o meu bem, ou me leva

Aonde o meu bem está:

E onde, &c.

Bemfica.

CANTIGAS.

Viçosa Bemfica,
Fez-te a natureza
Abrigo á saude,
Morada á belleza:

Naõ ha, naõ ha
Terra mais rica;
Todos te invejaõ,
Viçosa Bemfica.

As outras Aldêas
Já clamaõ raivosas;
Que tu lhes roubaste
As Ninfas formosas:

Naõ, &c.

(7)

Ellas te enriquecem,
Quem te honra saõ ellas;
E todas te chamaõ
O Paiz das bellas:
Naõ, &c.

Já deixa Cythera,
E Pafos, e Gnido;
E faz em Bemfica
Morada Cupido:
Naõ, &c.

Pastoras, cautella;
Cautella', Pastores,
Que está nestes campos
O Deos dos Amores:
Naõ, &c.

D'hum lado a outro lado
Traveço elle gira;
Mas reina nos olhos
Da minha Belmira.
Naõ, &c.

(8)

Quando ella passeia,
Passeia com ella,
Rendendo aos que encontra,
Que chegaõ a vèlla:
Naõ, &c.

Dalli nos sujeita
A livre vontade;
E a preço de gostos
Compra a liberdade:
Naõ, &c.

Ferindo naõ poupa
Pastora, ou Pastor;
Ciume, e Esperança
Saõ armas de Amor:
Naõ, &c.

Retinem contínuos
Os sons das cadêas
Por estas Aldêas
Que estaõ de redor:
Naõ, &c.

(9)

O Numen terrível
Vaidoso se explica;
Que funda em Bemfica
Seu Templo melhor:

Naõ, &c.

Mas esses despojos,
Triunfo de amor,
Aos pés de Belmira
Sempre elle os vem pôr:

Naõ, &c.

Aos annos da linda Marcia.

CANTIGAS.

Vinde, Graças, vinde, Amores,
Cortejar a Marcia linda;
Amor chama, Amor vos brinda
A seus annos festejar.

Estribilho.

Nasceo Marcia, linda Marcia,
Seu nome vamos Cantar.

Traz os Rizos, e os Prazeres
Companheiros da alegria,
E a memoria deste dia
Quer cantando eternisar.

Estribilho, &c.

(II)

Naõ tem setas, naõ tem arco,
Nem aos hombros tem aljava,
Nem a gente, sua escrava
Quer gemidos escutar.

Estribilho, &c.

Tristes ais, suspiros tristes
Nos seus antros aferrolha;
Só de gostos nova escolha
Vem ao mundo hoje espalhar.

Estribilho, &c.

Naõ quer hoje ouvir Cupido
Tristes magoas, rouco pranto;
E ensaiou hum novo canto
Para Marcia celebrar.

Estribilho, &c.

Dos seus olhos engraçados
Sempre vivos, sempre bellos;
Vãs suspeitas, duros zelos
Elle cuida de afastar.

Estribilho, &c.

(12)

Tem na sua luz suave
Lisongeiras esperanças,
Mostra a paz, mostra as bonanças
Para a terra, e para o mar.

Estribilho, &c.

Este dia, alegre dia
Deve ser por nós cantado,
Sempre assim por nós lembrado
Ha de o Tejo, e o mundo honrar.

Estribilho, &c.

Venturosos os Pastores
De quem Marcia he linda filha,
Se lhe coube isto em partilha
Naõ tem mais que desejar.

Estribilho, &c.

Guarde o Ceo seus bellos dias;
E vigie a sua idade,
Sem haver felicidade
Que precise supplicar.

Estribilho, &c.

(13)

Guarde amor sua alma bella
Para quem mereça tanto,
Que no laço justo, e santo
Hymineu a venha atar.

Estribillo, &c.

Dos viçosos tenros annos
Sopre amor fogo de idade,
E ajudado da amizade
Saibaõ os restos bafejar.

Estribillo, &c.

Assim como fai fai.

CANTIGAS.

Hei de amar-te se me amares,
Querer-te se me quizeres,
Deixar-te-hei se me deixares,
Farei o que tu fizeres.

Estrilho.

Farei, farei ... que hei de fazer ?
Farei o que tu fizeres.

Se gostares dos mais homens
Gostarei das mais mulheres,
Hei de seguir o teu gosto,
Farei o que tu fizeres.

Estr. &c.

Se ternura não mostrares
Mais ternura não esperes,
Serei cruel se tu fores,
Farei o que tu fizeres.

Estr. &c.

Se os meus prazeres tu fazes
Eu farei os teus prazeres,
Se te enfadas, eu me enfado,
Farei o que tu fizeres.

Estr. &c.

Este amor he hum contrato,
Quero em quanto tu me queres;
Se me deixas tambem deixo,
Farei o que tu fizeres.

Estr. &c.

Mas, menina, eu serei firme
Se tu firme ser souberes,
Seguirei sempre os teus passos,
Farei o que tu fizeres.

Estr. &c.

Naõ se morre de saudade.

Ouvi, Pastores, ouvi-me,
Que eu declaro huma verdade;
Os vossos amantes mentem,
Naõ se morre de saudade.

Estrilho.

Se de saudade alguẽm murrera,
Pobre Lereno já naõ vivera.

He verdade que se vive
Dividido em ametade;
Mas vivendo meia vida,
Naõ se morre de saudade.

Estr. &c.

(17)

Dizem que a saudade mata
Pela sua crueldade ;
Mas como a esperança anima,
Naõ se morre de saudade.

Estr.

Vive - se quasi morrendo ,
Nem ha de viver vontade ;
Mais quasi morto vivendo ,
Naõ se morre de saudade.

Estr.

Ameaça a cruel morte
Com muita variedade ,
Vive - se sempre em perigo ,
Naõ se morre de saudade.

Estr.

Em contínuo soffrimento
Ha contínua raridade ,
Vivendo em quem se deseja ,
Naõ se morre de saudade.

Estr.

He por propria experiencia,
Que eu conheço esta verdade,
Se eu vivo sem ver Belmira,
Naõ se morre de saudade.

Estr.

Naõ tem mais que perguntar.

CANTIGAS.

Quem me ouvir a suspirar
Naõ me pergunte o porque;
Se o meu bem aqui naõ vê,
Naõ tem mais que perguntar.

Estrilho.

Ah! quem me ouvir a suspirar
Saiba que eu amo,
Naõ tem mais que perguntar.

(19)

Quem acaso me encontrar
Caminhando ao meu retiro,
Ouça o nome que eu suspiro,
Não tem mais que perguntar.
Estribilho, &c.

Se alguém quer adivinhar,
Quem meu coração governa,
Fixe a vista em Marcia terna,
Não tem mais que perguntar.
Estribilho, &c.

Se a Filomella parar
O seu suave reclamo,
He que canta, quem eu amo,
Não tem mais que perguntar.
Estribilho, &c.

Quem nossas Ninfas notar
Entre as bellas, a mais bella,
Não duvide, he ella, he ella,
Não tem mais que perguntar.
Estribilho, &c.

(20)

Quem me vir sempre afastar
Dos meus amigos Pastores,
He que busco os meus amores,
Naõ tem mais que perguntar.
Estrilho, &c.

Triste Lereno.

CANTIGAS.

Triste Lereno
Perde o seu gado,
Soffre esta perda
Firme, e callado.

Estrilho.

Porém naõ póde
Soffrer, coitado!
O perder Lilia,
Seu bem amado.

(21)

Tem-lhe a seára
O Sol crestado,
E a nova perda
Vio sem enfado.

Porém, &c.

Ventos lhe arrancaõ
O olmo estimado,
Elle em socego
O tem notado.

Porém, &c.

Quantas desgraças
Lhe manda o Fado;
Soffre sem nunca
Ter murmurado.

Porém, &c.

Era prudente,
Era callado,
Nem hum gemido
Tinha soltado.

Porém, &c.

Hoje com vozes
Sobresaltado,
Grita Lereno
Desasizido.

Estribilho.

Porque não póde
Soffrer callado, &c.

Saibaõ os outros
Quem tem amado,
Elle o confessa,
Que he desgraçado.

Porque, &c.

Bosques, Seáras,
Choupana, e Gado
Davaõ-lhe sempre
Menos cuidado.

Porque, &c.

Póde hum menino
Cégo, e vendado,
O seu segredo
Tornar baldado?

Porque, &c.

(23)

Seja o exemplo
De hum desgraçado,
Lição aos outros
Do mesmo estado.

Porque, &c.

*Toca a recolher para a Cidade,
Bando de Amor.*

C A N T I G A S.

Sentido, ternos Amantes,
Ouvi os rufos de Amor;
Escutai seu novo bando,
Segui-o; he vosso senhor.

Estrilho.

Agora que os Campos perdem
Sua alegre amenidade,
Correi todos á Cidade,
Que alli se recolhe Amor.

(24)

Ajunta os ferros perdidos
Das desperdiçadas setas,
E faz das hastes vaquetas
Com que bate o seu tambor.

Estribilho.

Agora que os Campos perdem, &c.

Ferio brincando nos Campos
Doces feridas ligeiras,
Agora accende as fogueiras,
Que lhe aproveitem melhor.

Estribilho.

Agora que os Campos perdem, &c.

Entre a viva lavareda
Seu fogo occulto mistura,
Fogo, que inspira ternura
Á bella, e seu amador.

Estribilho.

Agora que os Campos perdem, &c.

He huma salva a belleza,
Quando nas brazas estoira,
A liza rebordã loira,
Que a seus pés se lhes vai pôr.

Estribilho.

Agora que os Campos perdem, &c.

Baccho espumante apparece
Ajudante de Cupido,
E alli nos tem prevenido
O seu magico licor.

Estribilho.

Agora que os Campos perdem, &c.

Com a divinal bebida
Faz voar rizos galantes,
E afugenta dos Amantes
O incommodo pudor.

Estribilho.

Agora que os Campos perdem, &c.

(26)

Vem travessas Contradanças ;
Precedidas d'alegria ,
Zombar da Estação , que fria
À Campina faz horror.

Estrilho.

Agora que os Campos perdem, &c.

Suas voltas estudadas ,
Quando alli vos baralhais ,
Vos aperta muito mais
Em cadeias só de Amor.

Estrilho.

Agora que os Campos perdem, &c.

Naõ sintais perder por ora
Bosque ameno , e callador ,
Vinde ao tempo accomodar-vos ,
Que isto foi sempre o melhor.

Estrilho.

Agora que os Campos perdem, &c.

M O T E.

Naõ ha remedio senaõ morrer.

Glossa improviso.

C A N T I G A S.

Eu venho achar pezares,
Onde os mais achaõ prazer;
Amor que dá vida a todos,
Só a mim me faz morrer.

Estrilho.

Amor, que póde
Naõ quer valer;
Naõ ha remedio
Senaõ morrer.

(28)

Mostrou-me os olhos de Lilia,
Fez-me o lindo rosto ver,
Bebi nesta vista a morte,
Morro porque Amor o quer.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

Ao volver dos olhos bellos,
Sinto o coração bater,
São mortaes ancias, que eu sinto,
Eu já me sinto morrer.

Estribilho

Amor que póde, &c.

Tyranna, mata com magoas,
Meiga, mata com prazer;
Morro de amores por ella,
Até gósto de morrer.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

(29)

Só temo na minha morte
O desgosto de a perder;
Fique-lhe ao menos minh'alma,
Q'alma não póde morrer.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

Se com desgostos me mata,
Com gosto faz reviver,
Por não perder este gosto,
Gósto mesmo de morrer.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

Zombem os livres mortaes
Do meu triste padecer,
Que eu não troco a sua vida
Por taõ gostoso morrer.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

(30)

Ah! Lilia, formosa Lilia,
Cumpra-se em mim teu prazer;
Se queres matar-me, mata-me,
Que eu por ti quero morrer.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

Amor que póde, me quiz valer.

CANTIGAS.

A teus olhos, lindos olhos,
Eu me sinto reviver,
Elles me daõ vida nova
Se me fizeraõ morrer.

Estribilho.

Amor que póde,
Me quiz valer,
Já naõ sou morto,
Torno a viver.

(31)

Meu coração já quieto
Torna de novo a bater,
Tinha de todo esfriado,
Sinto de novo aquecer.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

A' luz viva dos teus olhos
Se aviva antigo prazer;
Vejo fugir a saudade,
Que me fez arrefecer.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

As murchas flores do campo
Já vejo reverdecer,
Daõ - lhe outra vida teus olhos,
Que a mim me fazem viver.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

Hum Amante morre, e vive
Como o piedoso Amor quer;
Quiz-me morto, morri logo;
Quer-me vivo, eu vou viver.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

Esta vida he de teus olhos,
De teus olhos devo eu ser;
Em quanto elles me afagarem,
Eu já não devo morrer.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

Naõ tornes mais a matar-me,
Deixa o teu cruel prazer,
Porque duas vezes morto
Naõ poderei reviver.

Estribilho.

Amor que póde, &c.

He para ti minha vida,
Em quanto eu vida tiver;
Naõ queiras que a vida eu perca,
Que tambem vens a perder.

Estribilho.

Amor, &c.

Este milagre de Amor
Deixa em mim apparecer;
He prodigio, que te honra,
Tambem mostra o teu poder.

Estribilho,

Amor, &c.

Talvez naõ entendaõ outros,
O que me ouvirem dizer;
He linguagem da minha alma,
Que tu só deves saber.

Estribilho.

Amor, &c.

(34)

Ajusta ser sempre minha,
Que eu sempre teu hei de ser;
Une a tua á minha vida,
Custe dobrado o morrer.

Estribilho.

Amor , &c.

Mas, meu bem, haja silencio ;
Naõ possa alguém perceber ,
Que até faz inveja aos outros
Ver-me por ti reviver.

Estribilho.

Amor , &c.

Fim do VII. Folheto.

VIOLA
DE
LERENO:
COLLECCÃO
DAS SUAS CANTIGAS,
OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

FOLHETO VIII.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1819.

*Com Licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

*Vende-se em Casa do Editor F. B. O. de M. Me-
chas, no Largo do Cães de Souré, N. 3. A.*

VIOLA

LE RENO:

COLLECTAG

DAS SUAS CANTIGAS,

OPERARIAS

AVOS SEUS AMIGOS.

TOLHETO VIII.



LISBOA

NA TYPOGRAPHIA HOLLANDIANA.

1819.

Com Licença da Mesa do Desemb.

go do Reino.

Vende-se em Casa do Livro F. R. O. de M. M.

de M. M. no Largo de S. Carlos N. 3.

VIOLA
DE
LERENO.

A. B. C. de Amor.

Huma Menina
Quer, que eu lhe dê
Lições de Amores
Por A. B. C.

A. -- He amante,
Naõ ardilosa :

B. -- He benigna,
Naõ bolicosa :

C. -- He constante,
Naõ curiosa :

*Tome, Menina,
Lição gostosa.*

Huma, &c.

(4)

D. -- Delicada,
Naõ desdenhosa :

E. -- Engraçada
Naõ enganosa :

F. -- Fiel,
Naõ furiosa.

*Tome, Menina,
Liçaõ gostosa.*

Huma, &c.

G. -- He galante,
Mas naõ golosa :

I. -- He ser justa,
Naõ invejosa.

L. -- Leal,
Naõ lacrimosa.

*Tome, Menina,
Liçaõ gostosa.*

Huma, &c.

(5)

M. -- He ser meiga,
Naõ mentirosa:
N. -- Andar nedia,
Naõ nojosa:
O. -- Obediente,
Nunca orgulhosa.
Tome, Menina,
Liçaõ gostosa.

Huma, &c.

P. -- He prudente,
Naõ preguiçosa:
Q. -- He quieta,
Nada queixosa:
R. -- Rizonha,
Naõ rigorosa,
Tome, Menina,
Liçaõ gostosa.

Huma, &c.

(6)

S. -- He sincera,
Naõ suspeitosa :

T. -- He ser terna
Nunca teimosa :

V. -- Verdadeira,
Nada vaidosa :
Tome, Menina,
Liçaõ gostosa.

Huma, &c.

X. -- Xocarreira,
Pouco xorosa :

Z. -- Zombadeira
Pouco zelosa :
Tome, Menina,
Liçaõ gostosa.

Huma, &c.

(7)

Depois d'as Letras

Bem decorar

Quer, que eu lh'ensine

A soletrar?

Tome sentido,

Vá de vagar,

A, m, a, r,

Soletre *amar*.

Quero ensina-la

Tim por tim tim ;

E lições dar-lhe

Até ao fim:

Olhe, Menina,

Bem para mim,

S, i, m,

Diga-me *sim*.

(8)

Mas se lhe falla
Hum maganaõ:
Entaõ he outra
Nova liçaõ:
A maõ levante
Dê bofetaõ;
N, ã, o,
Diga-lhe *nãõ*.

Ter amor nãõ he defeito.

CANTIGAS.

Desafoga pelas vozes
A paixãõ, que opprime o peito,
Nãõ te envergonhe a verdade,
Ter amor nãõ he defeito.

(9)

Acceita de amor cadeias,
Do modo que eu as acceito,
Os ferros de amor daõ honra,
Ter amor naõ he defeito.

Com amor naõ ha fugir-lhe,
Nem por força, nem por geito,
Que importa amar, e servillo?
Ter amor naõ he defeito.

He Gloria amar hum semelhante,
Taõ gentil, e taõ perfeito;
Se he sem defeito o motivo,
Ter amor naõ he defeito.

Belisa, gentil Belisa,
Eu te adoro, eu te respeito,
Naõ me castigues por isso
Ter amor naõ he defeito.

(10)

Em contemplar os teus olhos
O dia, e noite aproveito,
Contemplar he acção d'alma,
Ter amor não he defeito.

Eu acordo em ti cuidando,
Em ti cuidando me deito,
Não he defeito o cuidado,
Ter amor não he defeito.

Aos homens a natureza,
Impôz de amor o preceito,
O defeito está no modo,
Ter amor não he defeito.

Declaração de Lerenó.

CANTIGAS.

Queres, que eu diga,
Chara, o meu nome,
Chara inimiga,
Eu to direi.

Eu sou Lerenó,
De baixo estado,
Choça nem gado.
Dar poderei.

Mas se tu queres,
Melhor morada,
Vem, minha amada,
Que eu ta darei.

(12)

Entra em minha alma,
Entra em segredo,
Contente, e lédo
Te adorarei.

Moda das Caldas.

Ai de mim, que estou perdido,
De mim mesmo tenho horror;
Curei o meu mal antigo,
Porém temo hum mal maior.

Que sinto nas aguas?
Taõ grande calor!
He que Amor he fogo,
E aqui vive Amor.

(13)

Sinto dentro do meu peito
Hum motim perturbador,
Sem saber o seu motivo
Cada vez se faz maior.

Que sinto, &c.

Vai lavrando veia em veia
Hum fogo devorador,
Nunca ergue viva chamma,
Mas consome em seu calor.

Que sinto, &c.

De hum mal que eu não conheço,
Huma dôr que não he dôr,
Os signaes não são de morte
Seu effeito ind'he peor.

Que sinto, &c.

(14)

He hum certo frenezi
Seja o motivo qual fôr,
Que me faz perder o ciso,
E a razão me faz transpôr. .

Que sinto, &c.

Faz, que o gesto de Marilia
Com poder encantador;
Me torne de hum homem livre
Seu Escravo Adulador.

Que sinto, &c.

Agora já sei por próva
O de que eu fui zombador;
Já sei que Amor póde muito,
O meu mal he todo Amor.

Que sinto, &c.

Amor Generoso.

CANTIGAS.

Se mais venturosa,
Meu bem, chego a ver-te,
O mal de perder-te
Se torna em hum bem.
A Amor agradeço
Que assim te procura
Em outro a ventura
Que em mim não a tem.

O mal de perder-te
Se torna em hum bem.

(16)

Talvez me não ache
Amor companheiro,
Serei o primeiro
Que saiba amar bem.
Os outros só querem
Do seu bem a posse,
Eu acho mais doce
O bem do meu bem.

O mal, &c.

Comtigo vaidoso
De Amor vou ao Templo,
Servir de hum exemplo
Que o mundo não tem.
Abraço sem raiva
Meu proprio rival,
E estimo o meu mal
Porque he o teu bem.

O mal, &c.

(17)

Naõ sigo dos zelos
A triste loucura,
E he tua ventura
A que me convém.
He minha paixãõ
Mais justa, e mais forte,
Que faz tua sorte
A minha tambem.

O mal, &c.

Mas leva a minh'alma,
Naõ ma restituas,
Pois q'inda a possuas
Assim nos convém.
Naõ só porque o gosto
Tem de acompanhar-te,
Mas para ensinar-te
A amares mais bem

O mal, &c.

Outras á mesma solfa.

CANTIGAS.

Se ainda não sabes,
Meu bem, que és meu bem,
Pergunta aos teus olhos,
O que nos meus vem.
Eu guardo segredo,
Segredo convém,
Dorila, o que eu sinto
Não digo a ninguém.

Ah! sabe Dorila
Que és todo o meu bem.

(19)

Razaõ, e respeito
A voz me sustem,
E os ais receosos
Vaõ mudos, e vem.
Mas pódem teus olhos,
Que a elles convém,
Nos meus achar quanto
Meu coração tem.

Ah! &c.

Os ternos Amores
Meu pranto escutando,
Em torno voando
Aqui se detem.
E os ais, que se quebraõ
Nestes troncos seccos,
Os levaõ aos eccos,
Que os tornaõ tambem.

Ah! &c.

B 2

Guerra de Amor.

CANTIGAS.

Às Armas, Amor,
Amor, haja guerra,
Que já do teu nome
Se zomba na terra.

E se já tens gasto
Os teus passadores,
El fina te empreste
Olhos vencedores.

Naõ haja mais livre
Hum só coração,
Vai banir do mundo
A fria izençaõ.

E se já, &c.

(21)

Do sangue dos Impios

O chaõ seja tinto,

E sintao os outros

O mesmo que eu sinto.

E se já, &c.

Os que blasfemáraõ

Q'expiem seus erros,

Humildes rojando

Os teus duros ferros.

E se já, &c.

Resoem seus ais

Nas concavas grutas,

Nem tenhaõ rebeldes

As faces enxutas.

E se já, &c.

(22)

Seus pés, e seus pulsos
Teus laços enleiem,
E as frias entranhas
Por ti se afogueiem.

E se já, &c.

Confessem sentindo
Arder o teu lume,
Que devem guardar-te
Respeitos de Nume.

E se já, &c.

Pois zombaõ de ver-me
Escravo de Elfina,
Povõa de Escravos
A vasta campina.

E se já, &c.

(23)

Naõ haja Pastora,
Naõ haja Pastor,
Que zombe hum momento
Do nome de Amor.

E se já, &c.

De Elfina o triunfo
De Amor gloria seja,
E huns morraõ de amores,
E outros de inveja.

E se já, &c.

Naõ o saiba ninguem mais.

CANTIGAS.

Lindos olhos engraçados,
Que a ter amor me ensinaiis,
Isto, que de vós aprendo,
Naõ o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Se eu vos vejo entre rivaes,
O ciume que entaõ sinto,
Naõ o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Que os meus olhos captivaiis,
Este novo captiveiro
Naõ o saiba ninguem mais.

(25)

Lindos olhos engraçados,
Quando vós me despresais,
Vou calando, o mal que sinto,
Naõ o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Que ciume a outros dais,
Basta que me contenteis,
Naõ o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Lindos olhos divinais,
Saiba só que eu vos adoro,
Naõ o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Sois vós só quem me matais,
Morrerei, mas em segredo,
Naõ o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados
Muitas vezes me assustais,
Mas a causa do meu susto
Não o saiba ninguém mais.

Retrato da minha linda Pastora.

Verdes campos, fonte fria,
Fundo valle, altos rochedos,
De quem amantes segredos
Lereno afflicto confia.

Troncos duros, e frondosos,
Tenras plantas, e florentes,
Vêde as lagrimas pendentes
D'uns tristes olhos saudosos.

Vós nodosas carvalheiras,
Murtas desta densa mata,
Que no mal que me maltrata
Tendes sido companheiras.

Se algum dia conhecesseis
A minha linda Pastora,
Da minha saudade agora
Talvez vos compadecesseis.

Lá no valle que ella habita,
Que he daqui muito distante,
Não ha outra mais galante,
Mais discreta, e mais bonita.

Seus cabellos enlaçados
Nos lindissimos listões,
Tem prezo mais corações,
Do que fios tem atados.

São seus olhos matadores,
Depois da testa engraçada,
A bellissima morada
Das graças, e dos Amores.

Engraçada côr morena,
Tem redonda a face bella;
Não ha boca como aquella,
Nem melhor, nem mais pequena.

Mostra em riso moderado
Bellos, lizos, e alvos dentes,
De que as frechas são que as Gentes
Vem vibrar o Deos vendado.

Da lindissima garganta
Columna qu'isto segura,
Sahe a vóz suave, e pura,
Que recreia, e que m'encanta.

No seu seio, que o pudor
Encobre sempre excessivo,
Eu bem vejo cheio o archivo
Dos mimosos bens de Amor.

Dos fornidos hombros pendem
Lizos braços torneados,
Onde os meus ternos cuidados
Achar seu premio pertendem.

São as mãos também morenas
As que á graça augmento dão;
As validas de Amor são,
Pódem tanto tão pequenas.

A cintura delicada
Põe mil graças em aperto,
E o amante mais esperto
Pára alli, não vê mais nada.

(30)

Se ella deve ser julgada
Só pelo que se deviza,
O que mostra a guardapiza
Pouco he, ou quasi nada.

São huns pés á proporção
Do seu corpo delicado,
Que não tem inda provado
De Amor o duro grilhaõ.

Tal he essa, que retrata
Meu amor, que ver desejo;
Do melhor valle do Téjo
A mais bella, a mais ingrata.

Chorando intento faze-la
Compassiva á minha mágoa,
Dura a pedra he, e a agua
Chega hum dia a amolece-la.

Adeoses a Livia.

Ouvi, ó campos,
Ouvi ó Ceos,
Quanto me custa
Dizer Adeos.

Eu vou-me, eu parto
Dizendo Adeos.

Bosques, que ouvistes
Segredos meus,
De vós me aparto,
Adeos, Adeos.

Eu, &c.

(32)

Os meus gemidos
Subaõ aos Ceos,
Ouçaõ os Numes
Meu terno Adeos.

Eu, &c.

Rotos do pejo
Os densos véos,
Mostro o meu pranto
Dizendo Adeos.

Eu, &c.

Olhos senhores
Dos olhos meus,
Vede que eu triste
Vos digo Adeos.

Eu, &c.

Molha a saudade
Os olhos meus,
Em quanto a boca
Repete Adeos.

Eu, &c.

(33)

Cortaõ soluços
Os gritos meus,
E sahe partido
Meu triste Adeos.
Eu, &c.

Ajunta Livia
Clamores seus,
E sahe d'entre ambos
Hum terno Adeos.
Eu, &c.

Custa a ver triste
Os olhos seus,
E a boca linda
Dizendo Adeos.
Eu, &c.

Bosque amoroso,
Nos troncos teus
Fique o meu nome,
E o meu Adeos.
Eu, &c.

A triste Ecco
Nos gritos seus
Repita sempre,
Adeos, Adeos.

Eu, &c.

Lembro Lereno,
E estes ais seus,
Que triste solta
Dizendo Adeos.

Eu, &c.

São derradeiros
Suspiros meus,
Basta, não posso
Dizer Adeos.

Eu vou-me, eu parto,
Adeos, Adeos!

Fim do VIII. Folheto, e ultimo.

titulo em Alemaõ. Dada á luz por A. M. da C. S., em 8. 1818. br.	320
Historia de Emilia, escrita por eila mesma, em 8. 1818. br.	100
Julia, Historia Verdadeira, em 8. 1818. br.	100
Fatima, e Zendar, ou o Fatal Destino, em 8. 1818. br.	80
Azakia, ou a Fidelidade Conjugal, em 8. 1818. br.	80
Sapho no Salto de Leucate, em 8. 1818. br.	120
Julieta, e Claudina, ou as duas Amigas rivaes, em 8. 1818. br.	100
Leocadia, ou a Innocente Victima do crime, em 8. 1818. br.	100
Historia de Janny Lille, em 8. 1818. br.	100
Carlota, Historia Ingleza, em 8. 1818. br.	200
Henrique, e Emma, Poema de Prior, imitação da Bella Brune de Chaucer. Traduzido em Portuguez, em 8. 1818. br.	200
Zaira, ou Hum Caso Extraordinario, em 8. 1818. br.	100
Segredos das Artes Liberaes, e Mecanicas, recopilados, e traduzidos de varios Authores Selectos, que trataõ de Fysica, Pintura, Architectura, Optica, Quimica, Douradura, e Acharoadado, com outras curiosidades proveitosas, e diversas. Seu Author D. Bernardo de Monton. Vertido do Castelhana em Portuguez, em 8. 2. Vol. 1818. br.	480

- O Amigo das Mulheres.** Traduzido do Francez. Nova Edição, em 8. 2. Vol. 1818. br. 480
- Isaura, ou o Premio do Amor, e da Virtude,** em 8. 1818. br. 100
- Sepultura de Lesbia: Poema em XII. Prantos,** por Thomaz Antonio dos Santos e Silva. Segunda Edição, em 8. 1818. br. 240
- O Perigo das Paixões, Conto Allegorico, e Moral,** para servir de Lição á Mocidade, com hum Analyse sobre as Paixões Humanas. Nova Edição, em 8. 1818. br. 240
- Os Azares da Fortuna, ou a Historia de Roberto,** o Provençal, escrita por elle mesmo, em 8. 1818. br. 240
- As Desgraças de Iddalina, pelo Ciume Indiscreto do Conde Tokenburg.** Historia Alemã, em 8. 1818. br. 240
- O Sacrificio Frustrado, ou a Felicidade no ultimo lance.** Historia traduzida do Inglez na Lingua Portugueza. Segunda Edição, em 8. 2 Vol. 1818. br. 480
- A Afflicção Confortada: Dirigida á Virtude da Paciencia,** por Joaõ Baptista de Castro. Quarta Edição, em 8. 1818. br. 240
- Aforismos moraes, e instructivos, Sentenças, Pensamentos, Bons ditos, &c.** Obra util a todo o genero de pessoas, aonde se achão documentos necessarios para a boa instrucção da vida civil, e recreio honesto para toda a qualidade de pessoas. Compilados de differentes, e excellentes Authores. Nova Edição, em 8. 1818. br. 300

- Laura , e Inesilla, ou as Orfãs Hespanholas.**
 Historia de Mr. Desfontaines, traduzida
 em Portuguez. Nova Ediçãõ, em 8. 1818.
 br. 240
- Arte de Conhecer os Homens, escrita em**
 Francez pelo Abbade de Bellegarde, e tra-
 duzida em Portuguez. Nova Ediçãõ, em
 8. 2. Vol. 1818. br. 480
- Compendio de Arithmetica, para uso das**
 Primeiras Escolas, composto por ***.
 Nova Ediçãõ, em 8. 1818. br. 240
- As Mulheres Célebres da Revoluçãõ France-**
 za, ou o Quadro Energico das Almas Sen-
 siveis, em 8. 2 Vol. 1818. br. 360
- Methodo Grammatical resumido da Lingua**
 Portugueza, composto por Joãõ Joaquim
 Casimiro, Professor de Grammatica ; No-
 va Ediçãõ, em 8. 1818. br. 240
- Fabulas Literarias de D. Thomas Yriarte,**
 traduzidas do Castelhana em Portuguez.
 Nova Ediçãõ, em 8. 1818. br. 200
- Contos Filosoficos para Instrucçãõ, e Re-**
 creio da Mocidade Portugueza, por Fran-
 cisco Luiz Leal, Professor Regio de Philo-
 sofia. em 8. 2 Vol. 1818. br. 300
- Julia , Historia Instructiva. 1. Folheto, em**
 8. 1817. br. 120
- Pasto do entendimento nas horas vagas jo-**
 vial, e serio. Obra Periodica. 1. Folheto,
 em 8. 1817. br. 80
- O Arrependimento, ou Confissãõ Pública de**
 Voltaire. Traduzido do Francez , em 8.
 1817. br. 200

- Breve Tratado do Jogo do Whist, que contém as leis do Jogo, e algumas regras, pelas quaes se pôde conseguir o jogar bem, addicionado com duas computações: huma sobre as apostas em qualquer ponto do Jogo; e outra para dar a conhecer ao parceiro huma, e mais cartas. Traduzido da Lingua Ingleza sobre a oitava edição de Londres, na Portugueza. Segunda Edição, em 8. 1818. br. 240
- Vida do Grande Filosofo Abeilard, e de sua Esposa Heloiza. em 8. 1818. br. 200
- Passatempo Honesto, e Familiar, ou Collecção de quarenta e oito jogos geralmente conhecidos pela denominação de Jogos de Prendas; entretenimento para passar divertidas as grandes noites de Inverno, com differentes Sentenças adequadas para augmentar o Divertimento. Traduzido em Portuguez. Segunda Edição correctá, e accrescentada com hum Indice geral dos Jogos, em 8. 1818. br. 320
- A Doente Fingida, e o Medico honrado; Comedia de Goldoni, traduzida da Lingua Italiana na Portugueza. Segunda Edição. 1. Folheto, em 8. 1817. br. 120
- Evandro, e Alcina, Pastoral de Mr. Gessner, traduzida do Alemao, em 8. 1817. br. 160
- Elvira, Historia Instructiva, e Moral. 1. Folheto em 8. 1817. br. 80
- Ensaio sobre o Homem, Poema Filosofico de Alexandre Pope. Traduzido do Original Inglez na Lingua Portugueza por A. Tei-

- xeira. em 8. 1817. br. 240
- Celestina, Novella Hespanhola, escrita na
Lingua Franceza por Mr. Florian, e tra-
duzida na Portugueza. I. Folheto, em 8.
1817. br. 120
- O Jogo do Voltarete posto em melhor or-
dem, com hum Grande Voltarete, duas
favoritas, as vazas pagas, tambem novas
pagas. Sendo o Titulo o seguinte: o
Grande Voltarete. I. Folheto, em 12.
1817. br. 60
- Elizaida, ou Amor vencido. Por Belmiro
Pastor do Douro. I. Folheto, em 8. 1817.
br. 120
- Inkle, e Yarika, ou a Ingratidaõ. Novella
sentimental dividida em duas partes. I.
Folheto em 8. 1817. br. 100
- Verdades sobre a vinda do Anti-Christo : re-
laçaõ em a qual se dá noticia em breves,
e compendiosos Capitulos de donde ha de
nacer, e vir o Anti-Christo, que Pais ha
de ter, que vida fará, que victorias ha
de haver, que fim terá, e ultimamente
que signaes lhe haõ de preceder, e devem
acompanhar. Pelo Doutor Bruno de Men-
donça Furtado I. Folheto, em 8. 1817.
br. 120
- Saudades de D. Ignez de Castro, Poema em
dous Cantos : por Manoel de Azevedo,
em 8. 1817. br. 120
- Duas Novellas e'colhidas, e intitulas :
I. Os Enganos mais ditosos : II A Cuf-
tosa experiencia. Obra moral divertida,

- e interessante, em hum só Vol. com hum elegante frontispicio estampado, em 8. 1819. br. 400
- O Velho, e a Menina, ou o Casamento desigual. Novella Hespanhola do insigne Miguel Cervantes de Saavedra, traduzida em vulgar, em 8. 1818 br. 160
- Lindoro, e Palmira, ou os Amantes perseguidos. Novella Portugueza, offerecida ás Senhoras Portuguezas por D. Maria Clara Junior, em 12 br. 200
- Rezumo dos Proverbios de Salomaõ, em Portuguez, e Francez, em 8. br. 120
- Legado de hum Pai a suas filhas, traduzido em Portuguez, offerecido ao bello Sexo por hum amante da verdade: Obra que contém além de huma introduccaõ interessante, os seguintes quatro Capitulos: I. Da Religiaõ: II. Dos Costumes: III. Dos Entretenimentos: e IV. Da Amizade, do Amor, e do Casamento, em 8. br. 160
- O Castigo da Prostituiçaõ. Obra Moral de Young, em 8. 1819 br. 120
- A Infidelidade Vingada. Conto Moral, em 8. 1819. br. 80
- Pedro, Novella Alemã, escrita na lingua Franceza, por Mr. Florian, e traduzida na Portugueza, por ***, em 8. 1819. br. 80
- Historia Verdadeira de Elmano e Marilia, ou a Força do Destino. Por A. J. B., em 8. 1819. br. 80

- Elvira. Historia Instructiva, e Moral, em
8. 1819. br. 80
- Modo de Resuscitar os mortos. Con-
to Persiano, em 8. 1819. br. 60
- A Ilha desconhecida, e os Ilheos Felizes.
Por A. P. B., em 8. 1819. br. 80
- Historia de Anfrizo, e Retilia. Idilio, por
Antonio Innocencio Barbuda, em 8.
1819. br. 60
- A Felicidade, Conto Filosofico, em 8.
1819. br. 60
- Astarot e Surival, ou Tudo procede de
falta de Intelligencia, em 8. 1819.
br. 60
- Amor Offendido, e vingado. Conto
Moral, em 8. 1819. br. 60
- Crime mais Horroroso, ou o Amigo
Traidor. Novella de Mr. le Sage, tra-
duzida do Francez, por A. J. B. Hum
Folheto ornado com huma Estampa,
em 8. 1819. br. 100
- Perigo de Contrafazer as Vocações. A-
necdota traduzida do Francez, em 8.
1819. br. 60

